

# ILUSTRAÇÃO

N.º 289 — 13.º ano



UM NOVO ANO FELIZ!

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

# LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

**7.113 RECEITAS**

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

## O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

## No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade  
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica  
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —  
Vernizes — Higiêne — Conservas — Animais do-  
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação  
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas  
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e  
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-  
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

**A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!**

*Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00*

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00 32\$40	60\$00 64\$80	120\$00 129\$60
Ultramar Português (Registada).....	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Brasil.....	—	67\$00 91\$00	134\$00 182\$00
Outros países (Registada).....	—	75\$00 99\$00	150\$00 198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Todas as crianças são felizes e saudáveis quando tomam a deliciosa 'OVOMALTINE' diariamente

À venda em todos as Farmácias, Drogeries e Mercadorias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. - BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA OS REUMATISMOS Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artrítica. Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias Produits BÉJEAN - Paris

Eu Perdia a Afeição De Meu Marido

Ele começava a ocupar-se tanto com uma loira possuidora duma tez esplêndida que eu, confesso-o, tornei-me terrivelmente ciumenta. Em seguida, puz-me a estudar a razão da atracção dessa mulher. O nariz não brilhava nunca. — O rosto estava sempre muito fresco e encantador, mesmo dançando toda a noite numa sala de baile aquecida. Enfim, um célebre especialista de beleza revelou-me o seu segredo. — Ela misturava simplesmente um pouco de «Mousse de Crème» no pó de arroz. Esta maravilhoso ingrediente faz aderir o pó à pele, mesmo quando faz vento ou quando o dia está chuvoso, e a pesar da transpiração. Com grande alegria minha, depois da primeira experiência, o meu marido disse: «Estás bonita, hoje!» Agora o meu rosto fresco e encantador faz a admiração do meu marido e a inveja de todas as minhas amigas.



uma enorme quantia. Misturada ao Pó Tokalon, segundo um processo secreto, age verdadeiramente como um tónico e torna a pele naturalmente bela em vez de a cobrir simplesmente. Suprime, para sempre, todo o vestígio do luzidio, e dá rostos maravilhosos, nunca até hoje vistos.

NOTA: — Os direitos exclusivos de emprêgo desta surpreendente descoberta da «Mousse de Crème», foram adquiridos por Tokalon, por

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção — Lisboa — que atende na volta do correio.

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS - HOMENS - IDEIAS

Depoimento sobre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, broc., Esc. 10\$00  
Pelo correio à cobrança . . . . . Esc. 11\$50

A venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

*Acaba de aparecer:*

EUGÉNIO DE CASTRO

# ÚLTIMOS VERSOS

1 vol. de 104 págs., brochado... 10\$00  
Pelo correio à cobrança ..... 11\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

*Acaba de aparecer*

# PAPAGAIO REAL

CONTOS INFANTIS

POR **CARLOS SELVAGEM**

*Com ilustrações a cores de MAMIA ROQUE GAMEIRO*

1 vol. de 68 págs. brochado .. Esc. 8\$00  
Pelo correio à cobrança ..... Esc. 9\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 75-LISBOA**

**À VENDA**

o 5.º volume

# CAMÕES LÍRICO (CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**  
Este volume completa a obra *Camões Lírico*, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. .... 12\$00  
Pelo correio à cobrança..... 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Premio Ricardo Malheiros

# MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas»—Apêgo à Dôr—Dr. Mendes «Gira»—Feira de Ano—Lúcia—Um sobretudo de respeito!—A paz do Lar—Uma espada... embainhada!—O Barboza de Sejins—O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**À VENDA OS ÚLTIMOS EXEMPLARES**

Dentro de poucos dias estará esgotado o

# ALMANAQUE BERTRAND

para **1938**

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

*Unico no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

**PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS**

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

**Encontra-se à venda em tódas as livrarias**

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras, cartonado ..... 10\$00

Encadernado luxuosamente ..... 18\$00

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**NOVIDADE LITERÁRIA**

ACABA DE APARECER:

**S. BANABOIÃO,  
ANACORETA E MÁRTIR**novo romance de **AQUILINO RIBEIRO**1 vol. de 330 págs., brochi. Esc. **12\$00**Pelo correio à cobrança Esc. **13\$50**

À VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — R. Garrett, 73

LISBOA

Uma boa colecção de livros  
de grandes autores  
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE  
**VENDAS A PRESTAÇÕES**

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS  
contra o pagamento da 1.<sup>a</sup> prestação

**A LIVRARIA BERTRAND**estabeleceu um sistema especial de vendas  
que denominou**Crediário Cultural**

Por êste sistema, — novo processo de vendas  
adoptado nalguns países da Europa e especial-  
mente da América, — contribue-se para a cultura  
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras  
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte  
e cinco escudos**, segundo a importância  
da compra, **sem fiador, sempre com  
a bonificação do sorteio e com  
direito à escolha de obras men-  
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com  
o sorteio não paga mais nada,  
saldando assim a sua conta  
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações á

**LIVRARIA BERTRAND**

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

**À venda**

SAMUEL MAIA

**ÊSTE MUNDO  
E O OUTRO**

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo  
de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo  
de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12\$00**

Pedidos à  
**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

**À VENDA****AQUILINO RIBEIRO****O GALANTE SÉCULO XVIII**

Textos do CA'VALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . . . **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Horas sem sofrer...  
*Horas felizes*

A alegria de viver da mãe reflecte-se fielmente no rosto da criança. Por isso, devem todas as mãis inculcar indelevelmente no ser da criança a expressão viva da sua alegria natural e evitar a dôr. E é também tão simples levar uma vida sem dôres com a

**Cafiaspirina**

SAMUEL MAIA  
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

**O MEU MENINO**

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoeecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,  
encad., 17\$00; broc., 12\$00

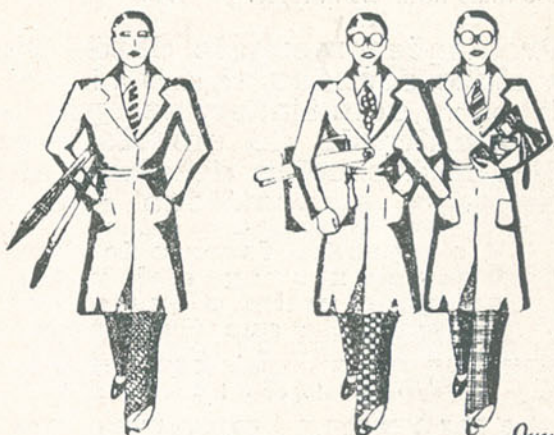
Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

**GRAVADORES**

**IMPRESSORES**



TELEFONE **BERTRAND**  
21368 **IRMÃOS, L.** DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

**PAULINO FERREIRA**

**:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::**

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

À venda a 9.<sup>a</sup> edição

**D. PEDRO E D. INÊS**

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. 12\$00; pelo correio à cobrança, Esc. 14\$00

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE  
DA LIVRARIA  
BERTRAND

REDACÇÃO E  
ADMINISTRA-  
ÇÃO: RUA AN-  
CHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: -  
2 0535

N.º 289 - 18.º ANO  
1 - JANEIRO - 1938

# ILUSTRAÇÃO

*grande revista portuguesa*

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

UM NOVO ANO CHEIO DE PROSPERIDADES  
deseja a "Ilustração" a todos os seus leitores



A todos os que a distinguem com a sua amizade, a *Ilustração* deseja que tudo lhes faça crêr que vivem em pleno Paraíso Terreal, e que essa maçã, que a serpente não tocou, mantenha o seu sabor delicioso durante os dias que vão seguir-se até à meia noite de S. Silvestre



Presépio de André della Robbia, no Museu da Fiorenza

A noite do Natal é, no Minho como em qualquer outra província portuguesa, uma noite de confraternização e de saudade. Ao lar paterno acorrem todos aqueles que, embora dêle afastados pelos movimentos da vida, a ela estão presos, moral e emocionalmente, pelo sangue e pelas recordações. Em volta da fogueira vermelha e crepitante, símbolo do calor familiar, todos se deixam envolver pelas labaredas da mesma amizade enternecida e creadora.

tias iriam guarnecer amorosamente de brinquedos e de pratos. A 23, isto é, na véspera dessa noite consagrada pela tra-



Presépio de Palma il Vecchio

Recordo todos os anos, pelo Dezembro gélido, o que essa noite foi para a minha adolescência. Eu e meu irmão, mal acabávamos de chegar de férias, e nenhuma outras nos eram tão sabrosas e ledas como essas, logo nos púnhamos a pensar o que seria o pinheiro azul e infante cujos galhos nossas

# O NATAL MINHOTO

dição, já eu, antevendo a festa próxima andava saltitante e alegre, irmão dos raios brincalhões do sol, correndo pelos atalhos e pelas várzeas em perseguição dos lençóis de gelo das águas friorentas. Aos pinheiros festivos, fomos colher pinhões com que jogar na noite seguinte ao rapa, ou com que fazer rosários para logo serem comidos. Até que, no próprio dia, quando o bimbalar dos sinos minhotos nos anunciava a proximidade da ceia e a conseqüente missa do galo, me deixava tomar do grande eltívio religioso e pagão — que tanto me obrigava à súplica infantil pela continuação da vida dos meus entes queridos, como me levava a confundir, no mesmo anelo, existências, brinquedos e guloseimas.

Já afirmei algures que a minha sensibilidade — por vezes a maior inimiga da minha inteligência, — se formou ao sol e à chuva dêsse Alto Minho formosíssimo, meu altar e meu anseio, onde nasci e onde desejo morrer, um dia. Isso é efectivamente verdadeiro pois no meu sangue borbulham os mesmos ímpetos de seiva que, tódas as primaveras, fazem colorir de verde, amarelo, vermelho e lilás, as largas extensões das nossas vergas, quando o germinal as torna noivas. Igualmente aquela poesia que tanto grita no azul safira das águas ribeirinhas, se instalou em mim, absorventemente, do minando por vezes a minha independência crítica. Assim, explicar-se-ão, sem grande sacrifício de entendimento, tódas as conseqüências emotivas, em mim confirmadas todos os anos, e determinadas pelo Natal.

Quem conhecer o Minho, saberá que

da Noite do Natal até ao Ano Bom, se cantam, pelos casais e pelas aldeias, as boas-festas. De 1 a 6 de Janeiro, cantam-se as *Janeiras*, também em grupos e mais por folia do que por pediniche. E é de 6 de Janeiro em diante que se cantam, finalmente, os Reis, — já em alegoria ao mesmo tempo bíblica e minhota. Ora, a quem movimentou a sua adolescência ao calor dessas tradições, é efectivamente impossível obviar à definitiva fixação psicológica e emocional que tódas as tradições radicam nos que repetidos anos as viveram. Assim, a prática do Minho condiz com a das outras províncias portuguesas: a noite Natal é aquela em que, ao derredor da mesa dos avós ou dos pais, se reúnem parentes e aderentes, unidos e animados pelo mesmo profundo afecto familiar, come-se o bacallau cozido com batatas, com ovos e ampla tronchuda; a tão tradicional petisco, segue-se o arroz de polvo, nessa noite comido com proverbial apetite, vêm, a seguir, os doces próprios: as rabanadas, os mexidos, os ovos moles, as filhoses, os biscoitos caseiros. Finalmente, quando o vinho do Porto e o champanhe determinam doloridas divagações de saudade, as lágrimas vêm ilustrar a presença espiritual dos mortos. Nunca me esquecerá o choro quasi feliz que meus olhos vertiam sempre que, gravemente, a minha querida avó erguia ao céu a sua oração por alma de meus pais!

Depois passava-se para a cozinha, onde ardia a fogueira. Todos nos levantávamos da mesa — adultos e crianças, patrões e criados. (Nessa noite sagrada de confraternização, é velho uso do Minho os criados sentarem-se à mesa com os patrões). Repetida mentalmente a nossa oração pelos finados, iam-nos todos aquecer em torno da fogueira esplendente e criadora que junto ao fogão ardia. A árvore do Natal lá estava, lantejoilada e maravilhosa or-



Presépio de Filippo Lippi

nada de quantos carinhosos brinquedos a generosidade familiar entendera por bem comprar. Até que, ao bater da meia-noite, a missa do galo chamava os seus devotos. Nós, as crianças, iam-nos então deitar.

Eis em síntese a noite de noite de Natal dos meus doze ou treze anos, já quando a calça comprida me chamava à responsabilidade dos meus actos. Eu fiquei fiel a essa ilustração minhota que me é, ainda hoje, tão cara como a sim-

plicidade das flores campestres, própria também dos Dezembros ásperos e inclementes. Também entoei, alguns anos depois, nessas noites misteriosas, a canção generosa que se distribuía, pelos diferentes casais das aldeias, em bons desejos de paz e de ventura. Eram noites escuras, de breu, feitas de propósito para realçar a insinuação luminosa dos olhitos vigilantes das estrêlas. Sabia-nos a rosas, nos telheiros onde cantávamos, a rescendência do feno dos currais próximos onde dormitavam a essa hora as mansíssimas rezes. Ao recolher, a lua olhava-nos maternalmente. Em perfeita comunhão, nós, os que os constituíamos êsses grupos de folia e de amizade, compreendíamos, já então, o imperativo que efectivamente constitui o dever da solidariedade humana.

Passaram-se os anos. Crescemos, aqueles que, em dada altura, assistimos de bíbe a essas noites. Ao Natal se deve essa abençoada emoção de família que torna, através das idades e das emergências, tão sagrado o lar como o altar. Festa ao mesmo tempo divina e humana, ela apazigua como nenhuma outra, a nossa natural incoerência, agravada pelas vicissitudes dos dias que decorrem, e que só repousa, contrita e alanceada, nessa sagrada noite em que o frio perfume dos lírios e das violetas se corresponde com a pureza e a tranquilidade da nossa ternura maravilhosa e em flor!

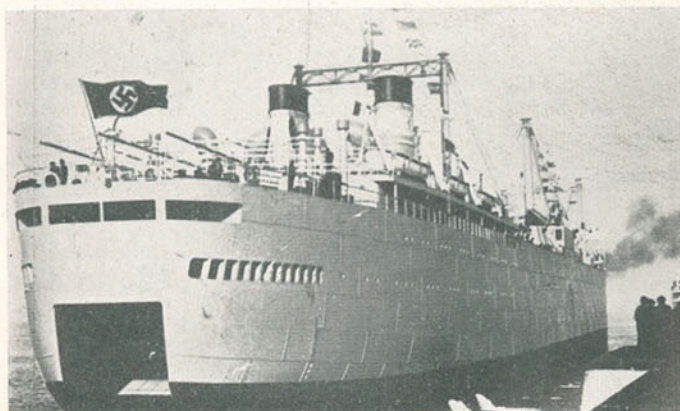
Formenor do Presépio da Sé

Lagos, Natal de 1937.

MANUEL ANSELMO.



# ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



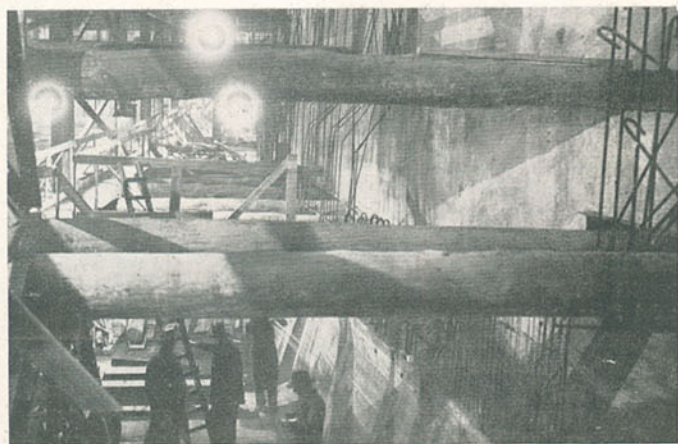
Uma das baleeiras que a Alemanha construiu para serviço exclusivo dos serviços do plano quadrienal. A gravura acima mostra a «Unitas» recentemente construída



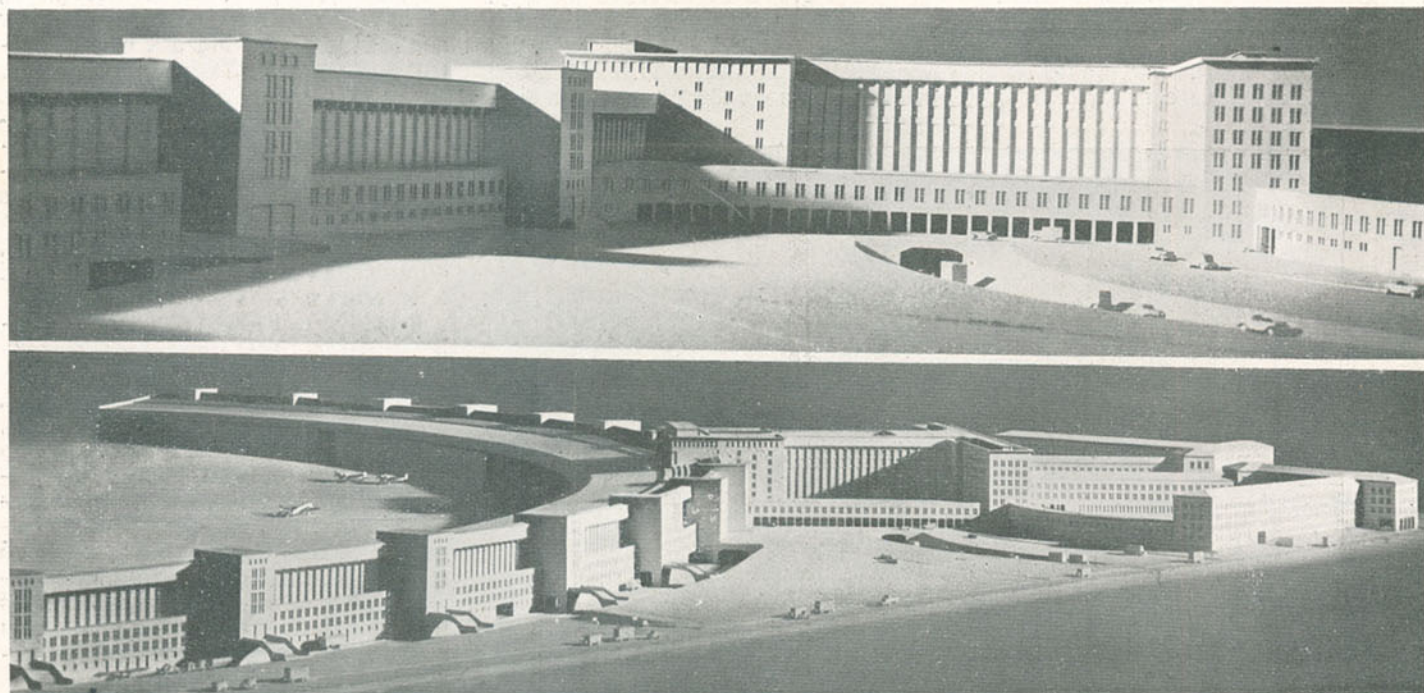
A serra formidável que as baleeiras alemãs levam a bordo e que é destinada a cortar o terrível monstro marinho logo que o arpão o traz para bordo



A vacina da batata efectuada agora em Berlim e que está dando os melhores resultados contra as várias enfermidades a que este precioso tubérculo é atreito



A administração do Reichsbahn está construindo em Berlim uma linha férrea subterrânea que ficará a 17 metros de profundidade, isto é, ainda abaixo do metro



O modelo das plantas do aeroporto de Berlim-Tempelhof que é o maior de toda a Europa, mostrando a imponente das suas construções

# As amarguras de Maria Leszcinska

Antes princesa uma hora que rainha tôda a vida



Maria Leszcinska — por Van Loo (Museu do Louvre)

triumfante. À morte do rei da Suécia, tinham-no constringido a renunciar ao principado e, não sabendo onde se havia de refugiar, dirigira-se ao Regente de França. Muito nobremente, o duque de Orléans autorizara-o a residir na Alsácia, concedera-lhe uma pensão e, num requinte de cavalheirismo, a fim de honrar o régio exilado, dera-lhe um regimento francês para lhe servir de Casa Militar.

A pesar-de tôda a generosidade do Regente, era uma existência de privações aquela. Mas Estanislau Leszcinski bebera na leitura das obras de filosofia o desprezo pelas grandezas e vaidades e, entre a esposa que estremecia e a filha que adorava, suportava tudo com uma coragem admirável. Seria difícil encontrar, nas diferentes casas reinantes da Europa, uma família mais afectuosa e mais ternamente unida do que a do soberano destronado. Viviam os três, o pai, a mãe e a filha, adorando-se mutuamente e procurando, cada um por seu turno, suavizar e alegrar os dias dos outros. A desventura, longe de lhes azedar o génio e o carácter, sublimara, ao contrário, as excelsas virtudes que já de si possuíam. Naquele lar, abrigado entre ruínas, reinava a paz, o amor, a felicidade e, no entanto, era preciso uma resignação verdadeiramente evangélica para êles, que no seu domínio da Posuania, gastavam por ano quantias fabulosas, ocupavam uma legião de servos, tinham os melhores cavalos do reino e possuíam uma autêntica fortuna em joias, se mostrarem satisfeitos reduzidos, como estavam, a viverem como uns humildes burgueses. E, ainda por vezes, sempre fieis aos seus hábitos caritativos, se privavam do necessário para acudir à miséria do próximo.

A ver-se em França, livre dos espinhos da realeza e do govêrno, tôdas as atenções e cuidado do antigo monarca se haviam concentrado na filha, cuja angélica bondade, doçura de caracter e viva

designara para lhe suceder o palatino da Posuania. Apenas no intuito de servir a sua Pátria, pois era absolutamente destituído de ambição, Leszcinski aceitara, e, no meio da maior satisfação e entusiasmo geral, fôra coroado solenemente rei da Polónia, na catedral de Varsóvia. E, enquanto, sentado no trono dos Jagellons, ao lado de sua esposa, a formosíssima Catarina Opalinska, Estanislau I recebia os homenagens dos seus ilustres vassallos, a pequenina Maria — a princesa real da Polónia — rodeada dum respeito quasi religioso como se fôsse um ente sobrenatural, via novos servos e novas servas ajoelhadas aos seus pés, beijando-lhe reverentemente as suas mãosinhas côr de rosa.

A escôlha da Dieta não podia ter sido mais feliz. Realmente, em todo o reino, não existia ninguém tão digno, pela sua inteligência superior, extrema bondade e talento político, de reger os destinos da Polónia como Estanislau Leszcinski. Mas, como várias vezes sucedera, em casos idênticos, à "martir das nações", a fatalidade não permitiu que êle empunhasse por muito tempo o ceptro real.

O monarca deposto — um estrangeiro, o eleitor da Saxónia — fôra à Rússia pedir ao czar que o ajudasse a recuperar o seu antigo trono. Acto contínuo, Pedro, o Grande, da Rússia, se pusera em campo, ao mesmo tempo que Carlos XII da Suécia — o maior adversário do autócrata eslavo — corria imediatamente em auxílio do seu aliado Estanislau I.

A luta travara-se, não verdadeiramente entre o rei da Polónia e o eleitor da Saxónia, mas entre os dois terríveis gigantes do Norte.

Mas a fortuna, de quem, decididamente, Pedro, o Grande, parecia ser o filho querido, mais uma vez sorriu às águias moscovitas, e, dizimado pela peste e rigorosa invernia, o exército do rei da Suécia fôra completamente vencido nos campos de Pultava.

Essa derrota havia sido um golpe terrível para Estanislau I que, depois de ter sustentado uma luta heroica contra os saxónios e os russos, se vira forçado a abdicar.

Começara então a sua existência errante de monarca exilado: primeiro, vivera na Suécia; em seguida, na Turquia; depois na Baviera, no principado de Deux-Ponts que Carlos XII lhe dera para o compensar da perda da coroa da Polónia e dos seus bens confiscados pelo eleitor

Luiz XV — por Van Loo (Versalhes)

NAQUELE antigo convento — obra de monges de outras eras — cujas paredes, cobertas de musgos seculares, iam lentamente caindo em ruínas, vivia uma gentil princesa exilada — Maria Leszcinska, a fadasiha benfazeja como lhe chamavam os pobres de Wissemburgo.

A mimosa flor que embalsamava duma tão suave fragrância as ruínas do velho mosteiro, nascera longe, muito longe da Alsácia, nesse remoto país das legendas maravilhosas e dos guerreiros heroicos que se chama Polónia. Nem sempre arrastara no exílio uma existência de penúria. Vivera no meio da maior opulência e grandeza. Seu pai, Estanislau Leszcinski, palatino da Posuania, era um príncipe soberano, senhor quasi absoluto dos seus imensos domínios, de modo que a sua vinda ao Mundo fôra saudada por gritos de alegria duma enorme multidão de vassallos, aglomerados em frente do castelo senhorial.

Volvidos meses, uma coroa, muito mais resplandecente ainda, vinha encimar o berço dourado onde, no meio duma espuma de niveas rendas, a princesinha Leszcinska dormia o sono da inocência, sob o olhar atento das servas, pitorescamente vestidas com os seus trajos regionais.

Após a deposição do último soberano, a Dieta, reunida a 12 de Julho de 1704,



Luiz XV — por Van Loo (Versalhes)



Luiz XV — por Van Loo (Versalhes)

sado os Leszcinski da longínqua Pátria onde poderiam ter vivido tão felizes, aquêles serões ainda mais entristeciam a jóvem princesa.

Porém, chegou o dia em que, a hora dos oficiais franceses chegarem, passou a ser esperada com a maior impaciência e nervosismo...

Era *Èle*, "o invencível Amor, ao qual nem os homens nem os deuses podem fugir," — como disse Sofocles nessa cantata velha de mais de mil anos, mas sempre bela e sempre juvenil.

O Amor, sem que o rei, ou a rainha se apercebessem, entrara no antigo convento em ruínas sob a forma dum elegante e formoso coronel.

Desde o dia em que a viu pela primeira vez, jamais a deliciosa imagem da gentil princesa exilada nas margens do Lanter abandonou um único instante os pensamentos do moço coronel conde d'Estreès.

Não era bela, talvez, Maria Leszczyńska, no sentido académico da palavra, mas possuía essa graça, êsse encanto que, como disse La Fontaine, é ainda superior à beleza.

O mote *Je charme tout* que, dois séculos antes, êsse delicado poeta que se chamou Carlos IX de França dera por divisa à sua amada Touchet, a ninguém caberia melhor que à princesa Leszczyńska. Tudo nela era doce, suave, encantador, espiritual.

A sua voz era terna, melodiosa como um canto, ao mesmo tempo repassada de meigas inflexões e duma tristeza linda. Nos seus belos olhos negros, suaves como os duma gazela das dunas, adivinhavam-se tezuoros de viva ternura. A bôca, finalmente recortada, entreabria-se num sorriso, num desses lindos sorrisos, inteligentes e meigos, cujo poder de sedução é tão grande que tornam belas as mais desgraciosas feições. As suas mãos longas, finas, espirituais de rainha de vitral, pareciam ter nascido unicamente para acariciar.

Tal era a espiritualíssima figura de mulher que, um dia, num antigo salão guardado de móveis do tempo de Henrique III, de velhas tapeçarias da Flandres e coiros de Córdova, surgiu aos olhos maravilhados de Estreès.

O conde ficou completamente *sous le charme* dessa deliciosa criatura que parecia, com os seus cabelos escuros, a sua pele dum moreno dourado de iluminura e as suas pupilas sombrias junto das jóvens alsacianas, de tranças côr de linho e olhos azuis, uma bela flor transplantada dos jardins do Oriente para os parques do Norte.

E, pela primeira vez na sua vida, Luís d'Estreès — o homem de prazer, companheiro do duque de Richelieu e do cavaleiro d'Aydie, que vivera, em tôda a acepção da palavra, a vida galante de Paris — se sentiu comovido, impressionado, dominado por um sentimento estranho, complexo, mixto de veneração e de ternura, em que, no fundo lavrava o desejo, mas em nada se assemelhava a onda voluptuosa e egoísta que o arrastara para os braços de outras mulheres...

A imagem da gentil princesa exilada

apagou no seu espírito todos os fantasmas do passado. Ao ver Maria Leszczyńska singelamente quasi pobremmente, vestida de cassa branca, sem jóias nem adornos, a não ser uma rosa ainda húmida de orvalho, colocada nos cabelos, todo ela emanando uma graça ingénua, casta e virginal, o conde Luís de Estreès esqueceu, por completo essas sereias voluptuosas, cobertas de pedrarias, essas lascivas bacantes vestidas de sumptuosos tafetás, que encontrára nas ceias do duque de Orléans.

Quotidianamente, o moço coronel vinha passar a noite no antigo convento que servia de residência à família real exilada. Jogava o xadrês com o rei e conversava com a rainha, num tom de respeito intimidade, pois os Leszcinski que sempre, mesmo nos seus tempos aureos, haviam detestado o cerimonial, tinham banido, quasi completamente, a etiqueta em Wissemburgo. Depois, já no fim do serão, timidamente, empregando mil rodeios, aproximava-se da jóvem princesa, a pretexto de examinar a paisagem que ela andava pintando, ou o motivo de tapeçaria que o ia tecendo no bastidor com as suas mãos de fada, ou, ainda, a fim de lhe pedir que fizesse um pouco de música.

Maria Leszczyńska acedia e, com um lindo sorriso brincando-lhe nos lábios, sentava-se ao cravo. Luís d'Estreès tomava lugar ao seu lado para lhe voltar as páginas.

Lá fóra, por vezes, a chuva derramava-se em torrentes, ou a neve caía em turbilhões, ou o vento entoava a sua fúnebre serenata de soluços.

Dentro, no velho salão das tapeçarias desbotadas, aquecido pelo fogo das achas que crepitavam no fogão, experimentava-se uma deliciosa sensação de conforto nessa doce intimidade familiar.

As mãos da princesa deslizavam sobre as teclas de marfim e do instrumento ainda há pouco mudo escapavam-se ondas de harmonia. Nostálgicas baladas russas, antigas canções da Polónia, graciosos minuets de Lullí sucediam-se, tocados com êsse raro e emotivo encanto de que só os eslavos possuem o segredo.

E, enquanto ela, sob os seus mágicos dedos, fazia o velho cravo rir, cantar, suspirar e chorar, Estreès, dançado, contemplava-a fixamente, lançando-lhe um olhar em que ia toda a sua alma.

Apezar de nunca haverem trocado uma única palavra mais íntima, em breve a princesa compreendeu que era amada por êsse jóvem coronel francês em cujo rosto, queimado pelo sol das batalhas, transparecia o *feu sacré* dum Turenne ou dum Duguesclin. Os corações verdadeiramente apaixonados entendem-se mesmo sem falarem. Não disse alguém que o amor é uma *romanza senza parola*?

Um dia, os olhos de Maria Leszczyńska encontraram-se com os de Luís d'Estreès. Um grande estremecimento os percorreu a ambos. O coração bateu-lhes apressado e o sangue esaldou-lhes nas veias. A alma pareceu comunicar ao corpo uma vida nova. E ambos, com as faces afogueadas dum súbito rubor, se calaram, desviando a vista.

O coronel conde d'Estreès julgou-se o

inteligência faziam transbordar de alegria e orgulho o seu coração de pai.

— Não trocava a minha pequenina por todos os reinos do Mundo. Fomos muito felizes, Catarina — dizia êle muitas vezes à rainha. — Deus, como que para nos consolar das nossas desventuras, deu-nos um dos seus anjos por filha!

Estanislau Leszczyński possuía uma cultura vastíssima, muito superior à que de ordinário se dava aos príncipes dêsse tempo, de modo que Maria Leszczyńska recebeu uma educação admirável sob todos os pontos de vista.

— Se ainda fôssemos senhores dos nossos domínios na Polónia, não faltariam príncipes que viessem disputar a mão de nossa filha — lamentava-se a rainha destronada — mas assim não vejo possibilidade de ela fazer um casamento digno da sua estirpe.

A êsse respeito Estanislau I não concebia ilusões, nem alimentava esperanças. Qual seria o príncipe — cogitava êle amargamente — que, desprezando filhas de reis poderosos, viria a Wissemburgo desposar a filha dum rei exilado? Só nos romances de cavalaria é que essas coisas acontecem. A pobre Maria, que apenas poderia levar em dote a um marido os seus virginais encantos, as suas peregrinas virtudes e os seus brilhantes talentos, estava fatalmente condenada a viver e morrer princesa Leszczyńska.

A vida no antigo convento era essencialmente monótona, sobretudo para uma rapariga de dezoito anos como Maria. Durante o dia conservava-se ao lado de sua mãe, entregue aos delicados labores do seu sexo, ou pintando qualquer motivo, ou ainda, no intuito de distrair o pai, lendo alto, com a sua terna e melodiosa voz de eslava, um livro de História ou de filosofia. À noite, vinham visitá-los os oficiais franceses pertencentes ao regimento que o duque de Orléans lhes dera por guarda de honra.

Era uma distração, realmente, mas, como apenas se falava de guerras e lutas, dessas guerras e dessas lutas que tinham expul-

mais feliz dos homens. O seu amor encontrára eco no coração da encantadora princesa Leszcinska.

Passou-se tempo, e, uma tarde — uma dessas tardes douradas de outono mais formosas ainda do que as de primavera, em que a Natureza inteira parece emanar um grande sopro de amor contido e de discreta volúpia — quando passeavam os dois sòzinhos nos jardins incultos do antigo convento, uma singela confissão brotou dos lábios d'Estreès.

Maria Leszcinska respondeu com algumas frases simples, e, num êxtase delicioso, disseram ambos essa doce e eterna palavra que tantas vezes serve para unir eternamente duas vidas — Amo-te!

O coronel francês apertou nervosamente nas suas mãos trigueiras e másculas, a mão que a princesa da Polónia abandonava nas suas, beijou-lhe, comovido as pontas dos dedos e, unidos num estreito abraço, gozaram os dois intensamente essa hora suprema de núpcias espirituais.

E, durante perto dum ano, viveram os dois um para o outro, apenas um para o outro, absorvidos no seu amor.

Estanislau Leszcinski acabou por descobrir o idílio e, como, acima de tudo, o que desejava era a felicidade da filha, dispunha-se a dar a autorização necessária para o enlace, quando a rainha Catarina Opalinska, que não esquecera tão depressa como o marido o seu glorioso passado — o trono esplêndido a que subira e a coroa real que encimara o berço de Maria Leszcinska — o veio chamar à realidade. A filha dum monarca coroado e sagrado pelos ministros do Senhor, uma princesa de régia estirpe, embora exilada, arruinada e privada das suas regalias, não podia descer a tornar-se esposa dum simples gentil-homem. Não

era uma questão de orgulho, mas de dignidade, de respeito pela sua excelsa categoria. Apesar de exilada, ela era sempre Maria Leszcinska, a princesa da Polónia e, embora destituída de fortuna, os bens que, no futuro, herdaria inevitavelmente dos seus parentes maternos, constituir-lhe-iam um dote muito superior àquele Felipe V de Espanha dera à infanta Mariana Victória quando a desposara o rei de França. Não, Maria Leszcinska nunca trocaria o diadema real nas suas armas por uma coroa de condessa. A filha dum ungido do Senhor só poderia desposar um príncipe, ou pelo menos — e já era descer — um duque.

Eram as ideias do tempo, do século em que viviam. Preconceitos que se consideravam dogmas. E, o próprio Estreès, quando Estanislau I lhe comunicou as suas dúvidas e os escrúpulos da rainha, foi o primeiro a inclinar-se triste, mas respeitoso.

Sob a couraça pulida, chapeada de ouro, do coronel Luiz de Estreès batia um coração de paladino. Se houvesse vindo ao Mundo noutras épocas, êle teria montado o seu corcel de raça, coberto de ferro, partiria à aventura, ou caíria para sempre crivado de golpes, ou voltaria, triunfante, colocar na frente da sua amada a coroa ducal que conquistara, obrando prodígios de heroísmo, com a sua espada nos campos de batalha.

Mas êsses tempos haviam passado definitivamente e, em Paris, existia um príncipe regente que tinha poder para o fazer duque e par de França. Porém, no Livro do Destino, estava escrito que, para eterna desventura de ambos, a união do coronel de Estreès com Maria Leszcinska não se realizaria.

O duque de Orléans que, desde sempre, tivera uma violenta antipatia pela família Estreès, ao receber o pedido do moço coronel, ergueu-se irritadíssimo e respondeu que a filha de Estanislau I da Polónia, apesar da triste situação em que as desventuras de seu pai a haviam colocado, estava ainda muito alto para que um Estreès, mesmo engrandecido pelo título de duque, ousasse pretendê-la.

O conde retirou-se desolado, e sempre levado pelos seus nobres e cavalleiros sentimentos, decidiu que só voltaria a Wissemburgo quando tivesse possibilidade de oferecer o seu nome á princesa, sem a obrigar a rebaixar-se, a *deshonrar-se*, como então se dizia.

Madame de Pompadour — por La Tour (Louvre)



O tempo foi passando e Maria Leszcinska, interpretando mal a delicadeza e abnegação de Luiz Estreès, convenceu-se de que êle não voltava para Wissenburgo porque, embrenhado no turbilhão de prazeres da capital a tinha esquecido e, ferida por aquela imaginária afronta, decidiu arrancar do coração a imagem e o nome de Estreès. E assim terminou o poético idílio da gentil princesa exilada nas margens do Lanter e o do valoroso coronel de Estreès.

Outro destino muito mais brilhante mas muito mais doloroso também, estava destinado a Maria Leszcinska.

Numa bela manhã de primavera, achava-se a princesa nos aposentos de sua mãe bordando uma toalha de altar para oferecer a uma igreja da cidade, quando Estanislau Leszcinski, em cujo semblante se estampava a maior alegria, deu entrada na sala. Apertou a sua amada esposa e a sua tão adorada filha no mesmo amplexo, e, depois, erguendo as mãos, disse:

— Primeiro que tudo, minhas queridas, devemos ajoelhar-nos e agradecer a Deus!

— Compreendo, meu pai — exclamou a princesa, no auge da satisfação — A Polónia de novo o elegeu rei e podemos regressar à nossa Pátria!

— Não, minha filha — respondeu Leszcinski, acariciando os caracóis sombrios de Maria. — Acontece-nos ainda uma felicidade muito maior. Vais ser rainha de França!

E, como nos contos de fadas, a princesa real proscrita achou-se de repente prestes a subir os degraus do mais invejado dos tronos.

Ainda havia então boas fadas pelo Mundo que se lembravam das jovens infelizes?

Realmente, havia em todo aquele noivado a varinha de condão duma linda fada...

O duque de Orléans morrera e a Regência coubera ao duque de Bourbon, segundo príncipe de sangue, que era completamente dominado pela voluptuosa marquesa de Prié. A sagaz favorita, desejando assegurar à coroa um herdeiro,



Luiz XV — por Tour (Louvre)



Maria Leszcinska  
— por Jean-Marc  
Nattier

Cega pelas ilusões, ela não quis meditar sôbre os terríveis exemplos que as recordações daquele palácio traziam à memória.

Quantas rainha de França, desde que essas carpas de guelras de ouro cortavam as águas tranqüilas do lago, haviam passeado naquele parque arrastando a sua dor de espôsas atraídoas!

Em Fontainebleau, tinha a rainha Maria Leonor de Áustria, esquecida e abandonada, visto uma favorita — a orgulhosa duquesa de Etampes — banquetear-se ao lado de Francisco I...

Em Fontainebleau, tinha a rainha Catarina de Médicis, desprezada e quasi odiada por Henrique II, presenciado os quotidianos triunfos duma favorita declarada — a maravilhosa Diana de Poitiers...

Em Fontainebleau, tinha a rainha Maria Teresa de Austria, lavada em lágrimas, assistido à nascente paixão de Luís XIV pela graciosa *Mademoiselle* de La Vallière...

Contudo, os anos passaram, sem que Luís XV se lembrasse de seguir os exemplos dos seus antecessores no trono, e a rainha Maria Leszcinska convenceu-se de que nunca o rei deixaria de a amar.

Mas, um dia, ou porque se cansasse do amor mais ideal do que verdadeiramente material da espôsa, ou porque a sua excessiva devoção o aborrecesse, Luís XV decidiu ser o marido de tôdas as mulheres, excepto da sua, e uma série de favoritas *Madames* de Mailly, de Chateauroux e de Pompadour vieram sucessivamente instalar-se em Versalhes em senhoras absolutas e já que não podiam arrancar-lhe a sua corôa, nem despojá-la do seu título de rainha, cada uma dessas pequeninas feras se vingou insultando a seu modo a espôsa legítima do soberano.

A última das favoritas, *Madame* de Pompadour, levou a sua audácia a ponto de, numa noite em que a rainha delicadamente, lhe pedira para cantar, romper, diante de toda a côrte, na célebre ária da *Armida*

*E fin, il est en ma puissance!*

Maria Leszcinska chorou então as lágrimas mais dolorosas da sua vida e, uma tarde em que, sentada no trono, envolta no manto de veludo azul e arminhos recamado de flores de lis de ouro, tendo ao lado a corôa real faiscante de pedrarias, o conde de Estreès — o seu antigo noivo aquele que tanto a amara e que (sabia-o bem) em segrêdo, continuava a amá-la — já então Marechal, par e duque, veio beijar-lhe a mão, os seus olhos enevoaram-se de mágoa. Contemplo, tristemente, durante alguns momentos o seu traje de sumptuoso brocado, o manto de arminhos que lhe pendia dos frágeis ombros e os esplêndidos jardins de Versalhes que se viam pela aberta.

E todo o pensamento da rainha vouu até Wissemburgo, até ao velho convento em ruínas, a cujas pedras estavam ligadas tantas recordações de amor e felicidade.

Ah! Se pudesse voltar a ser a princesa exilada, aquela que apenas tinha por trajes de gala um humilde vestido de cassa branca, por jóias os botões de rosa dos jardins, mas que possuía deposto a seus pés um coração diamantino!...

Maria Leszcinska fitou de soslaio Luís XV, o marido tão pouco seu que, dia a dia, ia mergulhando na mais crápulosa das ignomínias. Depois, os seus lindos olhos, inteligentes e meigos, vieram poisar-se, docemente, no glorioso Marechal de Estreès. Dos seus lábios fugiu um suspiro de infinita saudade e murmurou para consigo:

— Podia ter sido bem mais feliz!

EUNICE PAULA.

cortar as esperanças que os Orléans alimentavam de vir a suceder a Luiz XV e querendo ao mesmo tempo, elevar ao trono uma rainha que lhe devesse tudo e fôsse o seu instrumento junto do rei, fez romper os esponsais solenemente ajustados com a infanta, e escolheu para a substituir precisamente a princesa mais desprovida da Europa — Maria Leszcinska, a filha do rei destronado da Polónia.

A infanta, que apenas contava oito anos, foi entregue ao seu embaixador e mandada regressar a Espanha e uma magnífica comitiva tomou o caminho de Strassburgo, onde se realizou o casamento por procuração.

A 4 de Setembro, por uma linda manhã de sol, o cardinal Fleury, abençoava na capela do palácio de Fontainebleau, o enlace da princesa Maria Leszcinska da Polónia e de Luiz XV, rei de França e de Navarra.

Ela tinha êsse encanto que, como o disse um poeta, é ainda superior à beleza e, mais uma vez essa adorável magia exerceu o seu sortilégio. O juvenil monarca confessou-se encantado ao ver a noiva que o duque de Bourbon e *Madame* de Prie lhe tinham escolhido. E, nos braços dêsse formoso adolescente que, deliciado com a primeira taça que lhe ofereciam para conhecer o amor, a cobria de ternas e veementes carícias, Maria esqueceu até o nome de Estreès...

*Neste Mundo* — como disse uma das mais prestigiosas figuras da literatura portuguesa do século XX — *por cada dois que sorriem há sempre um que chora...*

Enquanto o pobre Luís de Estreès se consumia de desespero, a rainha, deslumbrada com a extraordinária magnificência que a rodeava, vivia em Fontainebleau, junto do apaixonado consorte, uma existência de sonho.

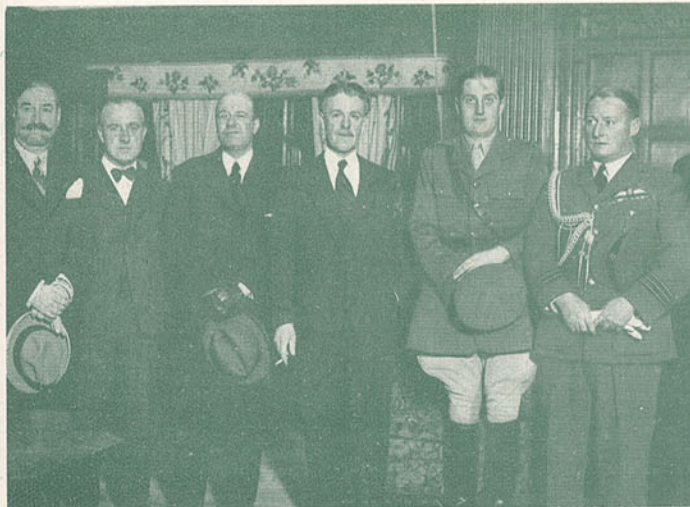
A rainha tinha vinte e dois anos. Nessa idade ainda se acredita nos juramentos dos homens e na felicidade conjugal...



# ACTUALIDADES DA QUINZENA



Presidida pelo eminente escritor dr. Júlio Dantas reuniu-se a Academia das Ciências para comemorar o III centenário do «Discurso do Método», de Descartes. Usaram da palavra os srs. drs. Júlio Dantas, e Silva Carvalho e o sr. engenheiro Fernando de Sousa. A gravura mostra os corpos directivos da Academia com o sr. ministro da França e os oradores. — *A' direita*: a trasladação dos restos mortais do marechal Gomes da Costa e de mais 327 antigos combatentes da Grande Guerra no cemitério do Alto de S. João



O novo embaixador da Inglaterra em Lisboa, Sir Walford Selby (ao centro) ladeado por algumas das pessoas que lhe apresentaram cumprimentos. As palavras do ilustre diplomata aos jornalistas foram: «Consagrar-me-ei de alma e coração a um maior estreitamento — se é possível — das relações luso-britânicas que têm uma tradição secular». — *A' direita*: o embaixador britânico, após a entrega das suas credenciais, à saída do Palácio de Belém, com o pessoal da Embaixada e do protocolo



Os alunos premiados do Conservatório Nacional com os professores e directores deste estabelecimento de ensino. — *A' direita*: Comemoração fúnebre na igreja de S. Domingos por motivo do 19.º aniversário da morte de Sidónio Pais, vendo se à frente o sr. general Amílcar Mota que representava o sr. Presidente da República



Paizagem do Caramulo

O Caramulo fecha o vasto horizonte. Seras e planuras, tódo o torrão fértil do centro da Beira, ensombrado de arvorêdo, fecundado de rios, cortado de estradas e caminhos — o pinheiro bravo dominando na montanha, as oliveiras dispersas no amanhadio. Por léguas e léguas, uma magnífica sementeira de povoados — Rio Tórto, Castendo, Vizeu, Mangualde, Santar, Nelas, Vila Nova de Tazem, Tondela, Paranhos, Santa Comba, Aldeia de S. Miguel, Vila Chã, Figueiredo, Vila Verde, Santa Olaia, Vila Franca, Midões, Cabanas, Oliveira do Hospital...

E nasce a doce nostalgia do lar, da *domus quieta*, só de fixar o cabanal que se quedou sonhando, ao subir da Serra, na margem daquele regato, sob a ramaria do último olmeiro...

Atacam os pelos sul o Cume, balisado de picotas, que nas cerrações farolam o nevoeiro.

Transpomos o Coval de Aljubarrola, subimos a Montes-Claros, descemos a Atoleiros. Ladeando para sudeste, alcançamos o Pontal de Ourique.

A Lagôa Escura sumiu-se. Da Lagôa Comprida só uma parte se descobre. Mas, infectindo para o Mórro das Águas,

tôda ela reaparece. A sudoeste, o Castelo dos Mourous...

E a série montanhosa segue: Arganil, Agueira, Gois, Louzã. E, separados pela depressão do Mondego, a oeste o Buçaco e a norte o Caramulo.

Ermidinhas alvejam nas cumiadas, evocando pagãs Nossas-Senhoras, romarias, procissões, arraiais e folguêdos...

Vamos na esplanada do Rodeio Grande, cujas fragas mais alterosas sobem a 1854 metros.

A Fonte dos Pastôres!

Seguimos pelo caminho de Loriga à Covilhã. Ladeando-o, pedras levantadas a cutelo, ou, nas fragas, pirâmides de pedra solta. De Dezembro a Abril, evitarão que os viandantes se percam; e todos, como em tributo, deverão deixar aqui um humilde padrão da sua solidariedade. Cumprimos, ritualmente, erguendo mais um moroiço.

Sobranceiras ao vale de Loriga e à acidentada garganta que a êle conduz, águas brilham ao sol.

Corvos em bando agitam as suas negras, luzidas azas. Entre os últimos zimbros saltitam carvoeiros...

Recomeçam os pastôs. Antes da Fonte dos Perús, nova alcatifa de *servum* nos acolhe. E muito tempo o calcamos, evitando os regatosinhos em meandro.

Aqui limitam os termos de Seia e Loriga. Só os do Sabugueiro têm o privilégio de apascentar seus gados até à Maruja. Primasia da mais alta povoação da Estrêla, pelos relevantes serviços da sua intrépida gente?

Tal lôro lhe outorgaria Viriato, pastor dos Hermínicos e electivo rei da Lusitânia?

Um pouco de neblina que o sol dilui — poalha de ouro e prata...

E um canto ao longe se levanta, claro e cristalino. Não é a cantiga da Terra-Chã, alegre e viva; é uma loada bár-

## VIAGENS NA Serra da Estrêla

bara, impetuosa como uma marcha guerreira, repassada de melancolia ardente. São femininas as vozes, mas o acento é viril, como se um bando de Valquírias galopasse na Serra da Neve.

Rompendo a última bruma, o sol enquadra sete raparigas, que vêm descendo, num esplendor. Formosas, marcham cadenciado, o busto direito, cêstas airosoamente à cabeça.

Pela primeira vez, na Serra, a Mulher passa, e estas pobres donzelas, de quem, noutro lugar, mal dariamos conta, são para nós, nesta hora, meia humanidade — e um seu simples sorriso basta para desprender o ritmo harmonioso dos sexos, o profundo motivo de viver.

Trepamos a Encosta do Lapêdo, deixando a oeste a pequena Lagôa do Pé de Dama (da Clareza) a 1800 metros, e o Chafariz do Rei (1845 metros). Ao cimo, sôbre o Vale da Candieira, fica a Lagôa dos Cântaros (1862). Vê-se brilhar, para norte, a lagôa da Paixão (1741 metros).

O desfiladeiro do Alvoco, para sudoeste. Subimos outra encosta. Nem um arbusto!

Um carcavão revólto... E logo tomamos, de assalto, a esplanada do Malhão Grande.

A Tôrre, enfim, a 1991 metros de altitude!

Rodeamo-la, cingimo-la.

Em granito e bronze, imperecível, um monumento deveria erguer-se aqui à memória de Viriato e da Lusitânia, na mais alta culminância da nossa Terra, como um marco milenário de domínio e liberdade.

O panorama esplêndido! Até Guadarama a Espanha se adivinha, para além de Castelo Branco, do Sabugal e da Guarda, áspera e sequiosa.

Alcança-se tôda a Beira, até aos confins do Doiro, e o Alentejo, até se perder a vista...

Metade de Portugal para nós afluí, entra nos olhos e no coração: é um ilimitado mar à nossa volta, com as suas ondas encapeladas, a crispação dos cabos, o abrigo dos portos, o marulho embalador das enseadas e baías...

O Malhão tem alguns quilómetros. Abaixo do seu mais alto nível, encontramos o Malhão Grosso (1892 metros). Mais distante, defrontando-se, a Penha do Gato (1768 metros) e a Penha dos Abutres (1819), donde se descobrem os Covões do Homem, do Meio e da Areia, com as lindíssimas perspectivas dos vales verdejantes de Loriga e do Alvôco. Perto também, a sueste, a Nave da Areia, onde está o Sanatório da Covilhã.

E fronteiro à Tôrre, a altitude pouco inferior, o Monte dos Covões de Unhais cobre-se já de abundante vegetação — botoiro, urze e giesta negra.

O Zêzere, que nasce perto, à raiz dos Cântaros, sinuosamente foi rasgando o

## NOSSA TERRA

### Serra da Estrêla

vale, e já ao fundo corre com abundantes águas. De lá, a serra da Gardunha. E nas faldas — Alcaide, Fundão, Donas, Alpedrinha...

Decaindo da Tôrre, para leste, a rua dos Mercadores, onde a geleira, logo que aperta o verão, se esconde...

É uma verêda, entre grandes monólitos, que vai até ao Covão do Boi.

Regatozinhos desilam entre nardo, musgo e rainúnculo selvagem — cristalina toalha, pontuada a esmeraldas e topásios. No arrelvado enxuto, a *campanula herminia*, roxa, acompanha a amarela flôr dos gêlos, que flutua na corrente viva.

E nas fendas e interstícios das rochas *fetusa henriquaasi*, *teutodon autumnalis*, *jasione perennis*, *plantago alpina*, *saxifraga stellaris*...

Bebemos de uma fonte límpida a água frigidíssima do nevado.

Topamos o Covão dos Cântaros — o Covão do Sabbat! Colossais rochedos circundam, pululando; é uma caliginosa paisagem de pedra. Um borborinho se levanta, num silvo de serpente...

Atingimos o Cântaro-Raso, que se denomina também Cais da Estrêla, porque na sua face norte desce, perpendicularmente, como uma muralha, sobre o Covão do Zêzere.

A quebrada arroja-se, entre escarpas, em medonho fragôr. Treme-se ao vertiginoso espectáculo do abismo.

Trepamos ao cimo do muro.

O Cântaro-Magro! O Cântaro-Gordo! Os cíclopicos môrros marcam a cabeça e o dorso do gigantêscico monstro, que há milhares de anos, emergindo, abalou até aos alicerces a cordilheira, revolveu a penedia num vendaval, ergueu e desmoroçou os cumes, num terramoto, e no cáos repousou emfim no algar sombrio.

O culto dos homens ao Criador é feito de mesquinhas homenagens: as maiores catedrais são brinquedos de criança. A Natureza, eterna, é quem ergue monumentos eternos de grandeza infinita: a Montanha, a Floresta e o Mar.

A ígnea pulsação flamejou aqui a estrofe abrazadora do supremo culto.

E a geleira vestiu alva por uma longa manhã de séculos ao *saeculus magnus*, que, indicando aos navegadores o caminho de novos mundos, pontificou ao Oceano a epopeia das Ilimitações!

O Cântaro-Magro, monólito de 400 metros de altura, nasce do coração da Serra, e sóbe, votivamente, do precipício, como uma ânsia inenarrável, angustiada e petrificada. Em volta, boqueiros de cataclismo — circundando-o, tranzindo-o no pavôr.

É o monossilabo, aqui a expressão da linguagem humana. Só Deus, Senhor das Alturas, se pôde fazer ouvir, nesta trágica eminência, pela voz das tempestades.

E o abismo alastra! Para leste, a Nave da Argenteira; para o noroeste, hiante,

a vastidão da Laboreira. À direita, o Covão do Boi, cavernoso e profundo.

E eis o Covão Cimeiro, de onde emerge o Cântaro-Magro. Já trepamos, ao lado, numa maré de granito. Volvendo, circularmente, é a própria Garganta do Inferno que quer engulir-nos...

Um lôbo uiva! Descemos. E deparamos com os restos de uma ovelha que, pouco antes, a fera atassalara.

O calor aperta; nenhum vento sopra. Dizer que não bole fôlha seria impróprio, de tal modo o terreno é árido e nú. Mais de uma hora caminhamos, opressos de fadiga, na desolada paisagem.

O relêvo, monótono, aflige: infundáveis chapadas, covões, môrros, ravinas, lapões. Mas alcançamos a suavidade dum vale... Logo avistamos a planura do nosso acampamento, passando os Barros-Vermelhos.

O zimbro reaparece; cresce o botoiro. Relvados gemem sob os nossos passos, regatos desilam...

Dormi até tarde.

Bem sentia eu Basílio circungirar, para despertar-me; mas o prazer de estar ali estendendo sob a tenda, a 1600 metros de altitude, sonhando não sei que sonho de glória ou de amor, fazia com que, mal abria os olhos, para o não perder, logo os cerrasse...

E recomeçava! Por fim, foi impossível: todos me cercavam, murmurando contra a minha preguiça...

Já o sol vai alto! E nos vales a neblina desce como uma avalanche; raras ondas soltas batem, aqui e além, nas anfractuosidades dos rochedos nús. Até que apenas sóbe a vastidão da terra-chã fica a névoa pairando. E, aí mesmo, não tarda que se esgarce e dilua...

O claro sol, amigo dos heróis!

Martinho exultava.

Mas... Pobre Martinho! Partira do Sabugueiro, no seu fervôr da Serra, sem se importar da topada que na véspera lhe ferira um pé, e, andadas tantas léguas, eis que não pode calçar-se...



Pastores do Caramulo

Serafim, com a sua autoridade de médico, impõe-lhe que não force o pé, que, decididamente, não quer entrar na botifarra.

— Oh senhor doutor, isto não é nada. Quando eu andava na tropa...

— Martinho, quando o meu amigo andava na tropa tinha menos meio século e o calçado era mais macio...

Nunca vi cara tão magoada...

Era como se a Serra lhe tivesse morrido!

— Então hei de ficar aqui como um entreado?

— Eu faço-lhe companhia...

Para mim estar com Martinho seria o mesmo que viajar pela Estrêla, correndo naves, cumiadas, valagões. Ele me contaria como tudo aquilo era; far-me-ia impressão maior do que se eu visse com meus olhos. Maior vantagem do que lêr num livro, fôsse êle de Ramalho, fôsse êle de Raul Brandão. Martinho é mais do que um livro aberto — um livro sôbre a Serra — é a própria Serra em pessoa, vibrante, humanizada.

Os outros partiram... Martinho aceitara a minha companhia, como ingénuo desvanecimento. Tôda a sua boa alegria voltára ao seu coração.

Fomos andando devagar, ambos descalços, sobraçando, a meias, as nossas riquezas literárias.

Um bando de corvos singrava para norte. O pastor seguia-os com o olhar. — Veja, veja, vão também ao Sanatório...

LOPES D'OLIVEIRA



A Lagoa Comprida



A Lagoa Comprida

QUANDO chega o fim do ano, todos fazem o seu balanço.

O comerciante quer saber o que lhe resta de transporte de mercadorias para o próximo ano, e quanto vendeu.

As almas fazem o seu balanço sentimental — o seu balanço de ilusões, o seu balanço de penas e alegrias.

E por um sentimento humanitário, uns, por dever de officio, outros, há os que fazem o balanço dos males que assolaram o mundo.

E o dèste ano não pode ser mais triste.

A natureza por si só tomou à sua conta grande número de calamidades que deixaram na miséria muita gente, sem pão e sem abrigo.

Desastres de tóda a sorte enlutaram muitas famílias, e gravaram nos corações a marca indelével da desventura que a a saudade mais fortemente imprime.

Chegamos a esquecer nossas máguas, ao vermos o que vai pelo mundo de desolação e infortúnio.

Mas o homem, não contente ainda com a acção inevitável dos elementos enfurecidos, não satisfeito com a desgraça mandada pelo destino, quer suplantar tóda esta acção de destruição e de morte, e por suas mãos prepara para o tão expementado planeta maiores desastres e mais desenvolvidas devastações, semeando o terror e a fome, a coberto dèsse monstro que se chama guerra, e que traz sempre consigo ajudantes, de fôrça e ferocidade iguais à sua para eliminar e destruir.

Quando compreenderá o homem, afinal, que o segrêdo da felicidade o traz êle consigo?

Quando deixará a ambição, origem de todos os males, de tomar a dianteira nas determinações das consciências, deixando-as escolher o bom caminho para a tranqüillidade e a paz?

Problema aterrador que tantos cérebros e boas vontades de acertar tem posto à prova, e cuja solução vem ainda longe e talvez nunca chegue.

Ninguém está contente com a sua sorte — é êste o grande mal, o único mal que não tem cura.

O balanço privativo de cada alma não é menos doloroso do que aquele que engloba tóda a humanidade.

## UM BALANÇO TRISTE

Temos o balanço das nossas ilusões de amor e das nossas ilusões de amizade pura.

A traição que nos rouba as primeiras é desculpável, porque é inerente à espécie.

Um grande amor traz logo junto a si o esbôço duma traição na saciedade dos sentidos, e no gôsto pela diversidade que é apanágio da alma humana, e que não tardam a fazer-se sentir, em prejuizo da lealdade tão ambicionada.

É mesmo inevitável, essa traição, especialmente pela parte que toca ao homem, que pela sua própria constituição é destinado ao amor polígamo. O que não quer dizer que a mulher seja mais leal.

E a dor que essa traição causa afecta mais os sentidos do que o coração, porque em geral são os sentidos que no amor têm maior preponderância.

Que fazer, para evitar tal sofrimento? Eu podia dizer-lhes, e fazer mesmo minhas, as palavras que Tiburgio, o amigo certo de Des Grieux, quando queria dissuadir êste do amor de Manon Lescaut e fazê-lo esquecer a sua levandade.

E elas aqui vão:

— “Eu tinha tanta inclinação para a volúpia como tu; mas o céu deu-me ao mesmo tempo o gôsto pela virtude.

“Servi-me da minha razão para comparar os frutos duma e doutra, e não tardei muito a descobrir as suas diferenças.

“A ajuda do céu juntou-se às minhas reflexões. Concebi pelo mundo um desprêzo que nada iguala.”

Eis o remédio mais eficaz. Por experiência, posso garantir que dá resultado. “It works, como dizem os nossos amigos de além-Mancha.

Ora agora entramos na parte mais pungente do nosso balanço sentimental — a amizade.

A traição dum amigo não traz desculpa consigo, e dói mais, muito mais, do que sentir nos lábios do ente amado o sabor dos beijos de outra bôca.

Porque a amizade é um sentimento todo do coração. As suas vibrações não sacodem os nervos, e inundam a alma duma suave ternura.

Mas há criaturas, cuja alma é como grosseiro terreno, onde não se dão plantas delicadas, e lá a amizade não pega. A gente pensa que tem um amigo, porque nunca o experimentou, nunca reparou se a plantasinha criou raízes ou se ficou apenas ao de cima, a fazer vista...

Qual dos meus leitores não sofreu a dôr de perder um amigo, estando êle vivo e são, só porque um dia precisou de recorrer à sua tão apregoada amizade?

E quantos — oxalá que muito menos, porque é mais são para o nosso carácter ser traído do que trair — quantos não sentirão, neste balanço final, a ferroada do remorso, por terem disiludido uma alma que em sua afeição confiava?

Eu sei dum caso verídico que quero arquivar nesta página, o caso dum amigo que falhou.

Um negociante da nossa praça, perseguido pela má sorte, quiz modificar a sua vida, acudiu ao desmoronamento dum trabalho exaustivo de algumas dezenas de anos.

Não lhe eram precisos grandes capitais. Uma meia duzia de contos de reis bastavam para fazer singrar o barco encahalado.

Lembrou-se, num clarão de esperança, dum amigo que durante trinta anos o persuadira da sua amizade, e a quem êle no seu mister prestára serviços em seus princípios.

Uma tarde em que lhe apareceu para a sua habitual palestra diária, resolveu sondá-lo sôbre as probabilidades do seu auxilio:

— Ó Fulano, você não se interessaria em comanditar um amigo, cujo negócio vai mal, um amigo como eu, supunhamos?...

O Fulano, que por sinal é milionário e tem uma profissão liberal, rendosa ainda por cima, compreendeu-o muito bem, e mastigou esta resposta:

— “Não, não, isso não me interessa. E mais não disse.

O pobre logista sentiu que qualquer coisa se derrubava dentro da sua alma. Era a sua ilusão mais cara que morria. Um “amigo” de trinta anos que num instante mostrou a inutilidade da sua constância.

E o pobre desiludido procura agora vencer com a sua própria derrota.



MERCEDES BLASCO.



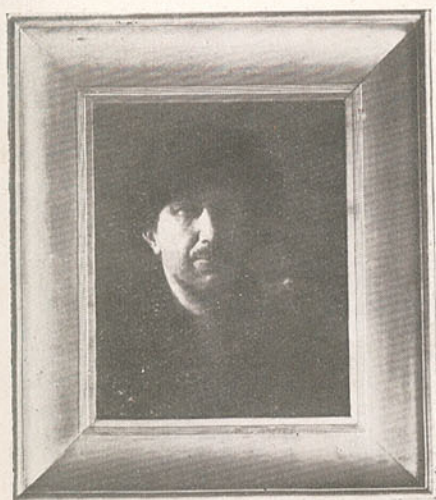
# A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE ABEL SALAZAR



Carrejonas (carvão)

São raros em Portugal os talentos enciclopédicos dignos do nome. Não porque o português não goste de variar de instrumento, mas porque a necessária fixidez que exige cada ramo do conhecimento não está bem ao nosso carácter, imediato e talvez pouco constante, para ilustrar-se nisto e naquilo.

Talvez que o estado actual da civilização, dando a cada faceta uma forma exaustiva sirva



Auto-retrato (óleo)



Um bêco (óleo)

ainda de impedimento à eclosão destas formas de inteligência, ou antes cultura.

Abel Salazar é uma flagrantíssima excepção. Antigo professor da Faculdade de Medicina marcou o seu lugar por

Na Ribeira (óleo)

ciudades estrangeiras, foram admiradas pelo público e notadas pelos que se entregam a estudos da mesma índole.

Sociólogo, filósofo, as suas locuções acusam um inédito conhecimento e visão que não tem igual em Portugal.

Mas não ficaremos por aqui. No dia 6 de Janeiro abre no Porto uma exposição de quadros. Sabem de quem? De Abel Salazar. Porque, além de professor eminente, crítico de arte, escritor de primeira plana, Abel Salazar é ainda um pintor original e distinto.

Desejamos à sua exposição, de que damos



trabalhos de análise e investigação que foram francamente celebrados nos meios científicos. Crítico de arte, as páginas em que deixou as suas impressões do que viu pelos museus e

nesta página a reprodução de quatro quadros, o mais satisfatório dos êxitos.

Por esta exígua amostra mal pode avaliar-se a beleza desta exposição esplêndida e grandiosa.



OS EFEITOS DA GRANDE GUERRA

A Alemanha reclama as suas antigas colónias

A Alemanha julga-se com direitos iguais aos das grandes potências da Europa.

Com uma população média muito superior à de outros países, com um índice de natalidade que a qualquer outra Nação excede, com um território metropolitano deficiente em algumas matérias primas e na qual é considerável a percentagem de sólos fracos, a Alemanha sente a necessidade de espalhar onde coloque seus filhos e possa aplicar a sua actividade; reclama, portanto, lhe sejam restituídas as colónias que possuía antes da derrota experimentada na Grande-Guerra e cuja administração perdeu pelo tratado de Versalhes, em 1919.

O dr. Goebbels, ministro da Propaganda do Reich e o braço direito de Hitler, declarou que a Alemanha foi mal contemplada na distribuição da expansão económica nas terras ultramarinas, resultante da Conferência de Berlim, em 1885, não porque os alemães fossem fracos ou cobardes, mas porque lhes faltaram, então, hábeis políticos que soubessem constituir uma unidade nacional, à quem e além-mar. Eis a razão pela qual a França e a Inglaterra, mais preventivas e para as quais o problema do excesso populacional não apresenta gravidade, dispõem de extensas colónias.

No 1.º mapa junto, se vê a distribuição mundial das colónias alemãs, anteriormente à Grande-Guerra, e divididas

em dois grupos: no 1.º as africanas, — no 2.º as do Pacífico.

O 2.º mapa, em escala maior, mostra a repartição das colónias germânicas na África, as quais, segundo o referido tratado de Versalhes, foram entregues em mandato a diferentes Estados e não nestes incorporadas como possessão definitiva.

Finalmente, uma série de mapas compreendendo os domínios que a Alemanha possuía no Pacífico.

A área total destes domínios, em 1914, era calculada em 2.950.000 quil. q. com 13.000.000 de habitantes indígenas e cerca de 18.000 metropolitanos.

Sob o ponto de vista económico, estes domínios pouco representavam, pois apenas a colónia de Togo (logoland), a mais pequena no continente negro, apresentava um saldo de receitas, mas esse limitado interesse material era largamente compensado pelo interesse moral e político: o prestígio e a grandeza.

Nestas breves notas apenas nos ocuparemos da história sumária das ex-colónias alemãs em África.

a) — Togo (que os alemães denominaram: Togoland) — Em 1894 o governo alemão encarregou um seu patricio, o dr. Gustavo Nachtigal, que explorará a região do Tchad, de descobrir, na África Ocidental, um território inocupado.

Este Comissário Imperial, teve a sorte de encontrar entre a colónia inglesa da

Costa do Ouro e do Dahomey francês uma estreita faixa no Golfo da Guiné, com 25 quilómetros de litoral e cuja suzerania não fôra reclamada por qualquer Estado europeu. O régulo do Togo foi obrigado a assinar um tratado pelo qual se reconhecia súbdito do Império alemão. Vários sobas mostraram a sua preferência em ficarem sujeitos à França ou à Inglaterra, mas os alemães não tiveram dificuldade em lhes impôr a sua autoridade.

A região é agricolamente riquíssima, os alemães criaram o porto de Lome como ponto de partida de via férrea de penetração que estabeleceram podendo, conseqüentemente, desenvolver a criação de gado ovino, vacum e equídeo, e as plantações e exportações do algodão, borracha, cacáu, café e oleaginosas.

Em 1912, na estreita área que mede 87.200 quil. q. aproximadamente a de Portugal metropolitano, havia 327 colonos e cerca de um milhão de indígenas, falando 40 dialectos e línguas diferentes.

b) — Camarões, designação portuguesa que os ingleses transformaram em Camerooun, os francezes em Cameroun, e os alemães em Kamerun; é outro território do Golfo da Guiné, na Baía de Biafra, cuja suzerania ninguém disputava e na qual o mesmo Nachtigal implantou a bandeira germânica, também em 1884, pre-estabelecendo as condições, segundo as quais a Conferência de Berlim no ano seguinte determinava podiam ser consideradas effectivas as novas ocupações no continente africano. Estabeleceu uma feitoria no litoral, mas, em explorações successivas, a suzerania germânica estendeu-se pelo interior até ao limite das

regiões que os francezes haviam reconhecido e, por acórdos diplomáticos, se alargaram até ao lago Tchad.

Em 1911, a França cedia à Alemanha um vasto território contíguo, até ao Zaire e a um dos seus afluentes mais importantes da margem direita, o Ubangui, que os francezes designam por Oubangui.

Pelo tratado de Versalhes de 1919, a França recuperou a parte do Kamerun que havia cedido à Alemanha e o resto foi confiado, em mandato à mesma França e à Inglaterra.

Esta colónia alemã media 700.000 quil. q. com uma população indígena avaliada em 2.750.000 almas.

Nestas duas colónias alemãs, a Togoland e o Kamerun, depois de convertidas em mandatos vigiados pela Sociedade das Nações, se desenvolveram consideravelmente, as plantações de cacau, fazendo grande e prejudicial concorrência a igual producto de S. Tomé e Príncipe, não pela qualidade mas pela quantidade.

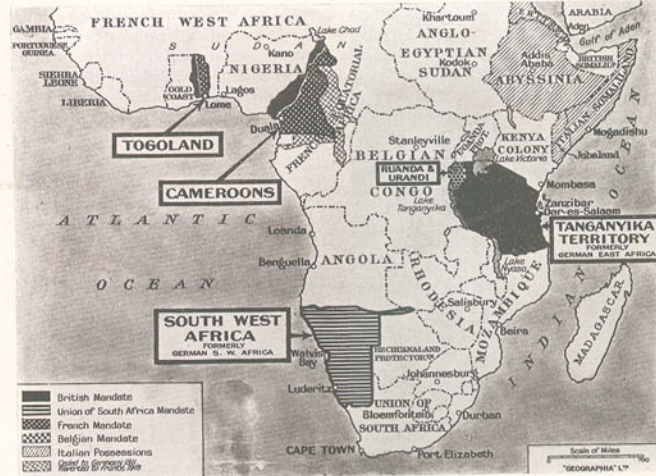
O cacau destas nossas duas ilhas, de excelente e incomparável qualidade, é adquirido para lotação do colinho no continente do Golfo da Guiné.

c) — Sud-Oeste Africano ou Namaland ou Deutschesudwest Afrika. — Em 1883 a Luderitz Company of Bremen, adquiriu um território ao soba da Namaqualandia do Sul. Em 1892 o Governo Imperial Alemão tomou conta da administração deste território e em campanhas militares contra os Hottentotes, em 1893, os Herreros, em 1896, os Afrikanders, em 1897, e outros povos em 1900 e 1903, impôs a sua soberania.

Em 1904 começou a demorada campanha contra os Herreros, as tribus pastoris negras que vindas do interior no século XVIII se estabeleceram em parte da Hottentotia. Esta guerra de extermínio custou aos alemães 2.000 vidas e reduziu a população indígena de 100.000 a 20.000 indivíduos.

Tendo o Sud-Oeste-Africano sido conquistado durante a Grande-Guerra (1914-1915) pela União Sul Africana, a esta foi confiado o respectivo mandato em 1919.

Em 1926, no ano transacto, a comissão da U. S. A. encarregada deste mandato representou dizendo que esta forma de



governo e administração e administração era improficua e não havia o menor inconveniente em o Sud-Oeste-Africano ser incorporado na União Sul Africana. Este território confina pelo Norte com a nossa provincia de Angola de que a separa o Cunene, e estende-se para o Sul, até à foz do Orange. Com 268.000 habitantes, tem a área de 835.000 quil. q. A zona litoral é desértica como a de Mossamedes, mas, chegada a planalto, oferece um solo e um clima particularmente adaptável à colonização europeia.

d) — Tanganika. — Em 1885 a firma Karl Peters & C.º (mais tarde a Deutsche Ostafrikanische Gessllschaf) estabeleceu-se na Tanganika com grande opposição dos árabes que dominavam de sempre no território.

O Governo alemão, com o fim de proteger a vida e os interesses de seus filhos mandou um Comissário do Governo e tropas que só em 1889 conseguiram estabelecer a posse definitiva do litoral. Seguiu-se-lhe a pacificação do interior pela acção militar. Em 1891 a Alemanha declarou o seu protectorado sobre toda a região que passou a ser administrada pelo Governo Imperial de acordo com o estabelecido no art.º 34 e 35 da Conferência de Berlim.

O régulo Mkwawa, embora vencido em 1894, continuou defendendo-se n'uma guerra de guerrilhas até 1898, em que foi subjugado. Nova rebelião surgiu em 1905 ligada à outr dos Hereros no Sud-Oeste que se iniciou em 1903 e por estes fomentada, rebelião que só terminou em 1906 na África Oriental, custando

120.000 vidas e em 1907 na África Ocidental.

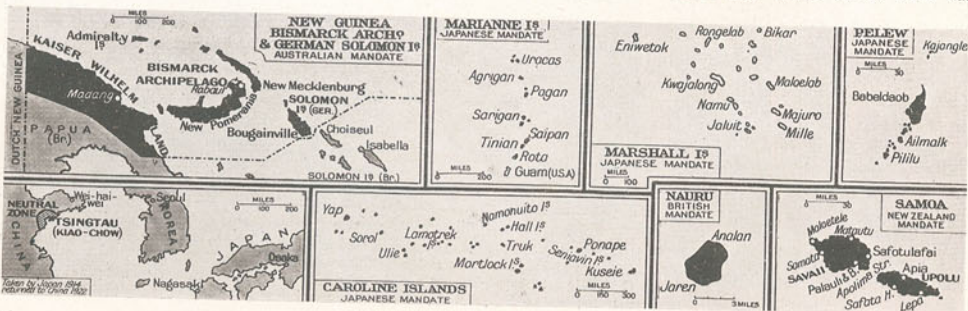
O mandato de Tanganika foi confiado à Inglaterra com excepção dos territórios de Ruanda e Urundi entregues à intendencia da Bélgica.

A Tanganika confronta, a nascente, com o Oceano Índico frente a Zanzibar e onde tem o magnifico porto de Dar-es Sallam, e a poente com os grandes lagos Nyassa, Tanganika e Vitória, onde nasce o Nilo. É a região onde se encontram as maiores altitudes do continente negro, a cordilheira do Kilimandjaro atingindo 6.000 metros (são as Montanhas da Lua assim denominadas na antiga e obscura cartografia da África). A vida vegetal, sob a mesma latitude mas a tão diferentes altitudes, oferece a maior variedade desde a dos desertos, das secas estepas, a das espécies xerófilas e paletuárias, a das savanas uniformes até à das ubérrimas zonas tropical e equatorial e à polar de vegetação rasteira.

Ocupa uma área 945.000 quil. q. com uma população de muito baixa densidade sendo o respectivo índice de 4 habitantes por quil. q.

Eis o que a Alemanha reclama. As razões apresentadas são as que acima ficam expostas: espaço exiguo para a sua população que se avoluma cada vez mais; falta de algumas matérias primas que se tornam indispensáveis às suas actividades e ao seu natural desenvolvimento. Será atendida? O tratado de Versalhes, embora coberto de infrações de vária espécie, ainda está tão recente...

BARÃO DE S. MADURO.





General Carmona — por João Reis

des, Alves Cardoso, António Carneiro, João Cristino da Silva e tantos outros.

Felizmente que ainda vivem mestre Carlos Reis, Veloso Salgado, David Melo, cuja vasta obra de tantos anos, dia a dia se avoluma e cada vez com maior pujança.

De Carlos Reis podemos dizer o que um grande poeta nosso disse a seu respeito: "tem cabelos brancos na cabeça, mas conserva os cabelos loiros do espírito". Aquele retrato que o insigne artista



Bêbé — por David Melo

A Exposição de Retratos que a direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes acaba de organizar pode ser considerada um esplêndido conjunto dos trabalhos dos mais notáveis retratistas das três últimas gerações.

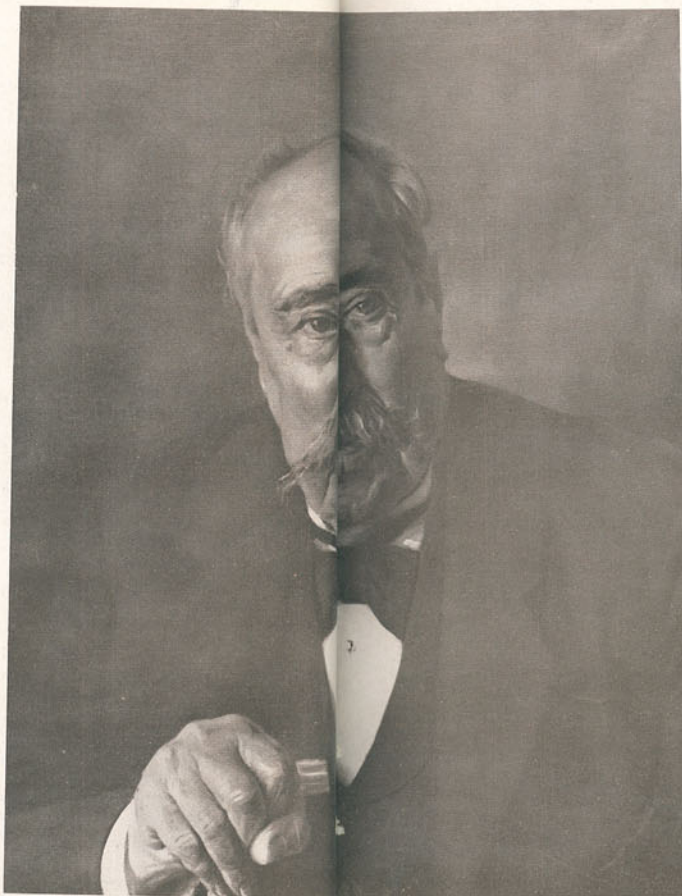
Em face d'êste certame cada vez temos mais saudades dos artistas queridos que desceram já à sepultura, mas cujas telas preciosas ainda se manifestam em todo o seu vigor. Nesta procissão de mortos passam Ramalho, Condeixa, Lupi, Columbano, Malhoa, Constantino Fernan-

pintou com tanto carinho, de joelhos talvez como Fra Angelico ao pintar Nossa Senhora, tem por legenda êste apêlo sagrado "Minha Mãe! No ma-



Varella Aldemira (auto-retrato)

## A PRIMEIRA EXPOÇÃO DE RETRATOS NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



Constantino Fernandes — por João Reis

gnífico retrato de senhora vê-se de que prodígios é capaz o seu pincel inspirado.

João Reis — o moço pintor que tão briosamente tem sabido honrar as tradições de seu pai, expõe vários retratos, um dos quais é o do venerando Chefe do Estado.

David Melo que, um dia, conseguiu transportar para a tela com um flagrante colorido o que ia na alma de três velhinhos que rezavam na missa da Notre Dame, apresenta o retrato dum bêbé

quão oportuno certame, mas tivemos a impressão de que os ilustres expositores ou quem os representa eram dotados duma tal ou qual modéstia que nem a relação dos quadros a expôr se decidiam a revelar.

Ainda assim, fizemos o que ao nosso alcance esteve, e para se conseguir o que fica visto ainda suamos o nosso bocado, apesar do intenso frio que nos afflige.

À última hora soubemos que apresentaram trabalhos Abel Cardoso, Almeida e Silva, José Campos, Romano Esteves,



Minha Mãe — por Carlos Reis

Pedro Guedes, Albino Cunha, Eduardo Malta, Medina, Mário Augusto, Albertino Guimarães, Maria Adelaide Lima Cruz, Filomena de Freitas, Jorge Escalço Valadas, e muitos outros.

Por aqui se avalia a grandeza desta



Retrato de Senhora — por Carlos Reis

exposição e do muito que há a aprender em tudo o que ali figura.



David Melo no seu atelier



Cabeça de Livia, esposa de Augusto (Glyptoteca de Carlsberg (Copenhague))

MUSSOLINI quer que a Itália comemore condignamente o bímilenário de Augusto e a grandeza de Roma no tempo imperial, para isso foram organizados importantes manifestações, das quais a principal é a exposição que reúne os documentos das principais épocas desde a fundação de Roma até ao Império de César e de Augusto, e os mais valiosos testemunhos de civilização latina. Serão expostos, em trinta secções, todos os aspectos do complexo que foi a latinitude, mostrando visivelmente as suas características e o seu desenvolvimento. Desde as humildes origens da aldeia de pastores e de soldados, até ao fasto da esplêndida Metrópole do grande império, desenrolar-se-à a evocação da fase ascen-

dente e gradual desde a conquista do Mediterrâneo e de todo o mundo grego, depois de anexado a Cartago, até à conquista da Gália, da Bretanha e da Germânia. Reúniram-se aí modelos de todos os monumentos romanos espalhados pelo mundo, desde as simples pontes até aos anfiteatros, dos arcos do triunfo às termas monumentais, reproduções a cores das mais importantes pinturas, fotografias de moedas e medalhas, esculturas representando as imagens dos imperadores, dos magistrados, dos funcionários civis e militares cujos nomes evocam uma sucessão de acontecimentos gloriosos.

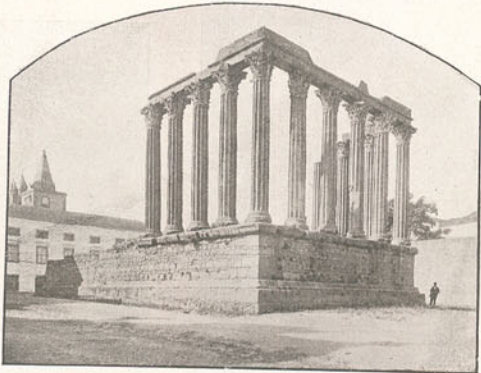
A vida militar do povo romano não podia ser esquecida, e está aí representada pelos monumentos e reconstruções das obras criadas pela marcha das gloriosas legiões portadoras de civilização que alargando os domínios de Roma, chegaram até à Britânia na direcção do deserto branco e para o sul até aos tórridos desertos da África. Expor-se-ão os uniformes romanos de todos os séculos enriquecidos com as "falere" ou medalhas de valor conquistadas pelos soldados. Está aí evocada a vida pública do Im-

O Imperador Augusto e a sua família (relevô existente no Museu da Ravenna)



# Roma celebra época de Augusto

pério, e até minúcias da vida da Urbe: espectáculos de circo e de teatro, a casa romana com os seus adornos, os meios de transporte, as modas femininas, documentos sobre medicina, cirurgia, artes e ofícios.



Restos do famoso templo de Diana que se admiram em Evora

O ilustre arqueólogo e professor de arqueologia romana na Universidade de Roma, organizador de Exposição diz o seguinte: "O facto de se terem recolhido numa única e grandiosa visão os testemunhos da história da civilização romana, subsistentes em tôdas as partes do mundo, enquanto constitui a mais alta homenagem a César e a Augusto, cria ao lado destas figuras, um quadro de extraordinário interêsse e de singular importância científica.

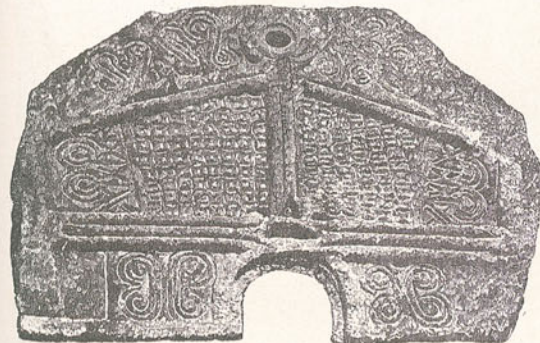
Na Exposição Augustea da Latinitude ficam documentadas as sucessivas fases da expansão e da potência romana, aquela paz que na idade de Augusto foi justamente considerada como preparação divina para o nascimento de Cristo; a luta nobre de Roma contra o mundo bárbarico; o início e o desenvol-



Ara consagrada ao deus éfrito Endovellico (Museu Arqueológico Português)

vimento da Igreja nos primeiros séculos; a persistência da mentalidade romana na Idade Média e na Renascença; a essência romana do Fascismo.

Portanto essa Exposição não é sómente



A «pedra formosa», da Citânia, ou ara dos sacrificios

histórica, visto que Roma foi grande pela força e tenacidade da sua acção política mas ainda foi maior porque, com largo espírito, ofereceu aos povos conquistados a sua mão, tornando-os, apenas isso foi possível, participantes activos da sua vida.

De tal forma, não foram só ilustradas as grandes obras públicas desde o Oceano até ao deserto, a rede estradal, as grandes construções públicas e particulares; como também são documentadas as actividades da marinha de guerra, e mercante, da



Um aspecto da Citânia, de Ilriteiros

agricultura, do comércio, da indústria, da medicina, da assistência social, das escolas, das bibliotecas, enfim, de tôdas as manifestações da vida civil.. Estas palavras ilustram bem o que sejam a grandiosa manifestação científica e histórica que Roma dedica ao bi-milenário de Augusto.

Tôdas as nações latinas contribuíram enviando maquetes, desenhos e fotografias dos monumentos que atestam a pas-

sagem dos latinos pelo seu território: Portugal, a gloriosa nação latina que conserva tão fortemente os vestígios da sua romanização, e que tanto esplendor deu à civilização latina, contribuiu com

os seguintes modelos de monumentos romanos: do Museu Municipal de Beja, "Cabeça de um desconhecido"; de Braga, "Consagração da Sacerdotisa Lucrécia Fida a Iride"; de Évora uma maquete do "Templo de Diana". O Museu da Biblioteca Nacional de Lisboa enviou "Pedestal de estátua com dedicatória ao Deus Endovellico", e a "Epigrafe do questor da província da Betica, L. Cecílio Retto". Finalmente Elvas mandou "A epigrafe funerária de C. Júlio Gallo veterano da sétima Legião Gemina".



O Imperador Calígula (Glyptoteca de Carlsberg (Copenhague))

E assim se evocará uma época que apesar de dois mil anos de distância, cada vez parece fulgurar mais e a indicar-nos o caminho da civilização verdadeira que pode satisfazer e tornar feliz a humanidade.

HERMÍNIA FERREIRA.

Lápida tumular do cavaleiro C. Romaniso (Museu de Magância)



GROMANIVS  
EQVLAENORIO  
CLAVD CAPTO  
CELIANNVS  
H S E HENT

# NOTÍCIAS DA QUINZENA



O sr. governador civil de Lisboa na sua visita ao Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade. Depois da troca de cumprimentos, o sr. tenente-coronel Lobo da Costa percorreu demorada e interessadamente todas as dependências do Hospital. — A' direita: O funeral do dr. José de Figueiredo à saída da capela privativa do cemitério de Agramonte no Porto



Comemoração do 1.º centenário da morte do grande poeta italiano Leopardi na Academia das Ciências. A' sessão presidiu o eminente escritor dr. Júlio Dantas que proferiu um belo discurso sôbre a obra do poeta que «não só orgulhou a Itália, sua pátria, mas toda a Europa romântica». Falou também o sr. Joaquim Leitão que intitulou o seu discurso de «Enamorado das sombras». A gravura acima mostra o professor Giovacchino Volpe com o sr. dr. Júlio Dantas e outras personalidades



Homenagem ao sr. general Domingos de Oliveira e ao seu chefe do Estado Maior, sr. coronel Arrobas Machado no quartel da Cova da Moura. A gravura representa os homenageados e a oficialidade. — A' direita: Os corpos gerentes do Ginásio Feminino de Portugal ao tomarem posse dos seus cargos.

# FIGURAS E FACTOS



Prof. Dr. Harry Friedenwald, de Baltimore, autor de notáveis trabalhos sobre a história da medicina portuguesa e grande amigo de Portugal. Publicou recentemente um valioso estudo sobre o grande mestre português «*Amatus Lusitanus*» que para muitos portugueses com fama de erudição não passava duma figura nebulosa aureolada de mitos, de apenas tinham ouvido falar vagamente



Brito Camacho — Mais um livro póstumo que mereceu o mais carinhoso acolhimento do público. Intitula-se *Questões colontais*, e, como o próprio título indica, foca importantes problemas da nossa Pátria. A obra do grande escritor vai-se avolumando ainda além da sua morte, dando a ideia daqueles famosos grãos de trigo de Pompeia que ao fim de cem anos deram pão... Brito Camacho continua a dar a pão do espirito



O illustre engenheiro A. Vieira da Silva publicando *O Castelo de S. Jorge em Lisboa* prestou um alto serviço aos estudiosos, visto esta obra poder ser considerada, pela sua finalidade histórica, um magnífico complemento à *Lisboa Antiga*, de Júlio de Castilho. Mais obras promete o grande investigador que apenas pede para as realizar vida e saúde que Deus lhe concederá



Mercedes Blasco publica o seu quarto livro de memórias que intitulou *Engeltada*. Bela evocação dum grande espirito. Como o poeta disse, «recordar é viver». Mesmo sofrendo, acrescentaremos nós



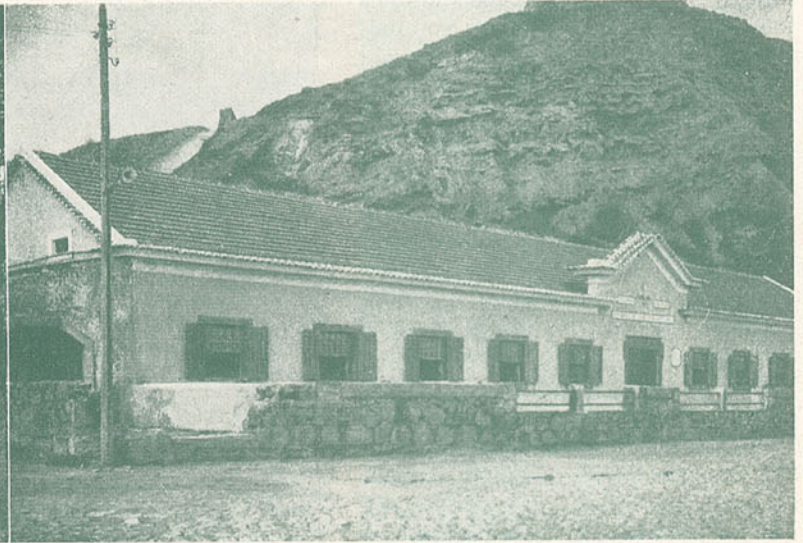
José Lutzky, notável jornalista argentino que visitou ultimamente Portugal e foi delegado da Argentina ao Congresso sionista de Zurick. Um peregrino da beleza eterna que corre mundo à procura de inspirações gratas para o engrandecimento da sua obra já vasta, e que promete avolumar-se mais ainda



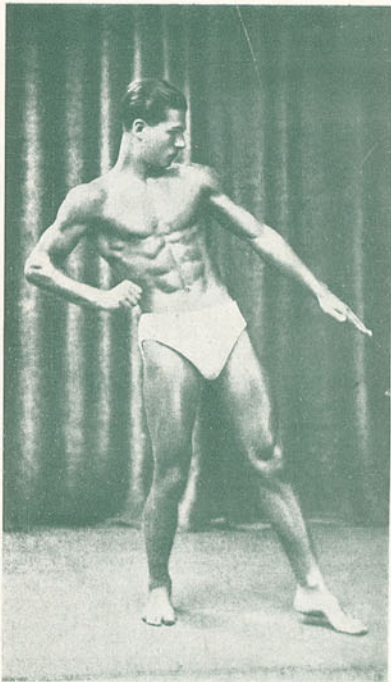
Cavaleiro e Deus-Menino é o título dum novo livro que a illustre poetisa que tem por pseudónimo Diniz de Riba-Douro publicou, baseando-se numa lenda deliciosa enendada pela alma romântica do nosso povo. Ao encanto dos versos juntam-se esplêndidas sanguíneas de Gardy de Arriaga que mais fazem realçar a obra. Se outras obras não tivesse, bastaria esta para consagrar a sua illustre autora



Lapas de Gusmão não descansa no seu labor literário. Depois de nos dar livros magníficos sobre as paragens africanas que percorreu como soldado e visionário, pretende ir mais além: aos domínios ignorados do ser ou ner. O seu novo livro intitula-se *No Mundo desconhecido* e interpreta o mistério da morte, o conceito do Universo e a ideia de Deus



Eis uma bela obra: a casa do pessoal da empresa de cimentos de Leiria que é um verdadeiro modelo. Procurando preparar as crianças para a vida, a Casa do Pessoal mantém uma escola, cuja actividade é norteada e alimentada ao calor dos ideis sagrados da Pátria. E procurando — acentuam os propulsores desta benemérita iniciativa — preparar homens que amanhã sejam bons operários, a escola pretende dar também aos seus alunos não só o pão do corpo mas o pão do espirito que os fará fortes alcerces duma sociedade sã e generosa



O professor de educação física Fr. Desarte obtive num recente concurso em Paris a classificação de mais perfeito desenvolvimento atlético

desporto conquistou em Portugal independência de vida; alguns como o atletismo, o basket e a patinagem logram ainda organizar provas com receita que lhes permite flutuar, outros, como o ciclismo, a natação ou o handball podê-las conseguir se o critério dos dirigentes ou competição clubista obedecessem à lei prática do bom senso, mas os restantes, por maiores esforços que os apanem, naufragam progressivamente na indifferença algida do meio.

Neste capítulo de interesse não avançamos um passo, e por isso 1937 desportivo foi idêntico a 1936, a 1935 e a tantos outros irmãos mais velhos.

Do ano que findou, as estatísticas futuras poucas efêmeras terão que apontar. Se nos perguntassem quais os acontecimentos dignos de gravar na memória e o seu porquê, indicaríamos: o facto de maior relevo desportivo foi a classificação de Manuel Dias na Maratona de Londres; a organização de maior vulto, os Jogos Desportivos Nacionais, no Estoril; a vitória mais agradável ao nosso orgulho

desportivo, a da equipa de football em Vigo contra a da Espanha Nacionalista; a mais útil iniciativa de propaganda, a Volta da Natação de sul a norte do país; e, finalmente, a obra de mais benéfica in-



A glória traz sempre consigo estranhas consequências, como esta de ser moldado em gesso em que vemos o pugilista inglês Tom Farr, para que a sua imagem fique perpetuada no musen londrino de figuras de cera

# A QUINZEN DESPORTIVA

fluência no problema físico do povo, a organização prática da Mocidade Portuguesa. A contrapor: a maior desilusão, a falta da Volta a Portugal em bicicleta, cuja responsabilidade recai exclusivamente sobre a ausência de tacto político ou decidida má vontade dos dirigentes superiores da velocipedia.

Não se pode escrever que tenha sido um ano próspero, nem tão pouco que haja marcado declínio ou paralização; foi um ano vulgar, mais um ano.

Uma das mais lisonjeiras recordações que dele nos ficam, refere-se a um acontecimento que nada tem a ver com o desporto embora se tenha revestido da máxima importância no campo da actividade física; trata-se do êxito alcançado pelo II Concurso de Gimnástica Educativa, que veio abrir novos horizontes à vulgarização e à propaganda da educação física. Eis, incontestavelmente, uma iniciativa fecunda cujos resultados benéficos 1938 virá amadurecer.

A impressão geral que neste resumo pretendemos traduzir, não poderá no entanto ser pintada em tons tão negros que alheie toda a esperança no limiar do futuro imediato. O desporto português possui condições próprias de progresso que se não manifestam porque o ambiente lhes não é propício; modifiquemo-lo e a nau singrará ovante.

A crise, que mais propriamente chamaríamos letargia, que entrava o desenvolver da prática desportiva em Portugal

é uma crise de chefes e uma crise económica. Apareçam homens competentes e activos, encontre-se dinheiro para construir instalações e organizar provas de vulto, fica decidido o caso.

Oxalá 1938 nos seja favorável nesse sentido.

Terminou o campeonato de Lisboa de foot-ball com a vitória brilhantíssima do Sporting que assim consegue a proeza incrível de se manter senhor dum título invejado pela quinta vez consecutiva.

O triunfo alcançado pela equipa dos "leões", foi tanto mais valoroso quanto mais obstáculos se lhe antepuzeram e quanto mais firme foi a superioridade afirmada de princípio a fim da competição.

Nove vitórias legitimamente alcançadas e um empate com o mais próximo adversário não autorizam controvérsia sobre o mérito do campeão e um incidente com que pretenderam entrar-lhe a marcha, não destrua, antes reforça, o êxito arrancado pela força da classe desportiva à valorosa oposição de contendores decididos e à intervenção oportunista de pessoas que servem as suas paixões com recursos que deviam ser da mais impoluta isenção.

É descabido relatar aqui a história da anulação do encontro Sporting-Belenenses e das influências indirectas que pesaram na solução do assunto, solução aliás ainda apenas provisória visto que o Club lesado recorreu protestando contra o péssimo precedente aberto e está disposto a levar a sua causa até ao extremo



O progresso põe em foco antagonismos flagrantes: a par da bicicleta moderna, ligeira e estilizada, um casal dobras eras não quiz abandonar o meio de transporte usado nos tempos da sua mocidade. Mas adoptou, por comodismo, as rodas pneumáticas



O inverno trouxe animada actividade ás patinagens, onde lindas raparigas executam as mais belas figuras

que a lei desportiva lhe faculte; mas pergunlamos, sem esperar resposta, o que há a esperar do direito reconhecido a um árbitro de mudar de opinião dum momento para o outro. Uma conversa em particular, e um ponto que era legal, transformou-se em jogada irregular.

Que compreenda quem possa, ou não compreenda quem não queira abrir os olhos.

Apezar da habilidade, porém, o Sporting continua por um ano campeão de Lisboa e o facto de o ser pela quinta vez sem interrupção estabeleceu um "record", dificilmente igualável.

Durante estas cinco épocas em que triunfou no torneio regional, isto é desde 1933-34, o Sporting obteve 36 vitórias, 6 empates e só 7 vezes foi batido (3 pelo Benfica e pelo Carcavelinhos, 1 pelo Belenenses), marcando 170 bolas contra 50 apenas que consentiu aos adversários.

Dos jogadores que este ano alinharam na categoria de honra do clube vencedor, apenas quatro disputaram os cinco campeonatos triunfais; são êles, João Jurado Rui de Araujo, Manuel Soeiro Vaz e Adolfo Mourão, aos quais nos pareceria de justiça que o Sporting concedesse um galardão comemorativo de tão invulgar proeza.

Não é apenas em Portugal que o fim do ano desportivo passou sem acontecimento de relevo, pois a visita que recebemos, durante as férias de Natal, dum afamado grupo húngaro apenas repre-

senta a continuação duma já antiga tradição da actividade dos maiores clubes lisboetas; pelo mundo fora, também nada se regista ultrapassando os limites do trivial.

Causou surpresa a dificuldade que os profissionais do football inglês encontraram para vencer, em Londres, o grupo nacional da Checo-Eslováquia; na semana seguinte os italianos, campeões do mundo pela organização da F. I. F. A. e pela vitória olimpica, esbarrraram em Paris num guarda-redes excepcional e não conseguiram desmanchar o zero-zero dum empate com a França. Foram êstes, afinal, os únicos dois factos dos quais se falou fora dos meios directamente interessados; o mês de Dezembro, talvez para não ficarmos saudosos do ano, não forneceu sequer assunto bastante para uma crónica.

Esperamos melhor dêste Janeiro que nos abre as portas de 1938; logo nas primeiras semanas apresenta-nos duas jornadas apetitosas, as dos encontros de football com as seleções da Hungria e da Espanha, ambas hóspedes da nossa capital, e sob tão auspicioso início confiamos num futuro condizente.

É possível que, de hoje a um ano, as nossas apreciações sejam mornas de entusiasmo pelo passado; de momento, porém, esperamos com fervorosa confiança o futuro que se aproxima.



Fernão de Magalhães (gravura em cobre de Ferd. Selnia)

## FERNÃO DE MAGALHÃES E STEFAN ZWEIG

de um português enche a alma do escritor estrangeiro do mais sincero entusiasmo. Muito temos que agradecer-lhe. Passados séculos, é ainda o mar, o que não esquece, *leit-motiv* para este livro assombroso — a epopeia de Fernão de Magalhães. Erros teve, infelizmente. O orgulho indomável, o único inimigo que Fernão de Magalhães não pôde vencer, leva-o a traír a sua bandeira.

“O homem que ajoelhou pela primeira vez, tremulo, emocionado, com a alma

presa às dobras da bandeira de damasco branco, desfraldada por D. Francisco de Almeida, da bandeira com a cruz de Cristo, é o mesmo homem que recebe em Sevilha, de joelhos, a bandeira espanhola...”

E, por aqui fora, neste tom, Magalhães é um traidor, um infiel e não sabemos que mais.

Sabemos que no dia 20 de Janeiro de 1518, Fernão de Magalhães empreendeu a sua jornada à procura de rei de Castela que lhe deveria dar mais algum merecimento do que o obtido junto do monarca português.

Catorze anos antes, partindo Magalhães para a Índia com a vice-rei D. Francisco de Almeida, fez testamento em que figura a seguinte clausula: “Mando que se eu morrer fora desta terra ou em esta armada para onde agora vou para a Índia, servir o meu senhor Rei, o muito poderoso senhor Dom Manuel que Deus nos guarde, que as minhas exéquias se façam como se fariam a um simples na-

vegante dando ao capelão do navio a minha roupa e armas para que diga três missas de *requiem* resadas.”

No seu regresso, teve desejos de ir mais longe, sendo então melindrado pela tradicional ingratidão do Monarca Venturoso.

Ora, o orgulho deste nobre trasmontano, cujos braços de armas eram dos melhores e mais antigos do reino, não poderia suportar que lhe ofendessem a dignidade nem que lhe menospresassem o seu valor sobejamente demonstrado. Que o rei de Portugal tivesse insultado Vasco da Gama com o título de conde que lhe prometera e durante meses o proibira de usar; que o tivesse expulso da sua terra natal de Sines, cujo senhorio pertencia ao filho natural de D. João II, D. Jorge de Lencastre; que o tivesse amesquinhado, negando-lhe licença imediata para ir prestar serviços a nação estrangeira, isso não lhe interessava. O ilustre filho de Sines que se levantasse a repelir a afronta, pois era êsse o seu dever.

Com êle, Fernão de Magalhães, nascido nas serranias trasmontanas, as coisas teriam de passar-se doutra maneira. Dando largas ao seu génio empreendedor e ousado, desceu das suas montanhas até Lisboa e tomou parte nas grandes viagens marítimas que dariam mundos novos ao mundo. Ofereceu os seus serviços ao Monarca Venturoso que o desprezou. Nesta altura, o trasmontano reagiu. Quem era o Rei? Um subserviente que devia a corôa ao facto de ter beijado as mãos ainda ensanguentadas do assassino de seu irmão. Fernão de Magalhães, para triunfar, não carecia de descer a humilhações aviltantes. Batera-se pela Pátria, arrostara por ela os máximos sacrifícios, manifestára a sua audácia e o quanto

Assinatura de Fernão de Magalhães

seria capaz de fazer ainda. Quando ofereceu lealmente os seus serviços, desprezaram-no, ofenderam-no.

Stefan Zweig presta-lhe homenagem. Bem haja!

Lembrem-se, no entanto, de que se Fernão de Magalhães tivesse aceitado com resignação o desprezo de D. Manuel, teria acabado ignoradamente os seus dias como os seus detractores.

SE Portugal não fôsse a pátria de Afonso Henriques, de Nun'Alvares, de Camões, de Afonso de Albuquerque e de tantos outros gloriosos heróis que contribuíram para a urdidura da mais bela História de todo o Universo, bastaria dizer que fôra berço de Fernão de Magalhães para que toda a humanidade se curvasse respeitosa.

Assim o entendeu o grande escritor alemão Stefan Zweig, ao publicar o seu livro monumental sobre o imortal navegador português que pode ser considerado o maior entre os maiores.

Dar uma ideia do prodigioso trabalho do eminente investigador seria tarefa baldada, pois essas quatrocentas magníficas páginas não podem ser dadas em síntese. Tentar fazê-lo seria o mesmo que fotografar o sol.

Limitamo-nos a discordar de algumas expressões do prefácio que a tradutora entendeu acrescentar-lhe.

Em dada altura, diz: “O maior feito, o mais completo, o quási olvidado feito



# O RELÓGIO TIRANO DO HOMEM

O tempo passa, corre, vói, e tóda a gente tem o delírio de o contar, ninguém gosta de estar sem um relógio, todos querem saber as horas; todos desejam que as horas passem, e, elas vão passando uma a uma, vão-se juntando numa sequência que forma um dia, êsse dia junta-se a outros e forma a semana, a semana com outras, o mês e os meses fazem o ano, e a vida corre numa velocidade louca para a morte, para êsse fim de tudo, que quetodos têm certo e com o qual ninguém conta.

Os projectos sucedem-se aos projectos, de aqui a um mez faço isto, de aqui a dois anos aquilo e o tempo seguindo a fantasia dos homens, vai marcando horas sôbre horas, no mostrador doirado do relógio.

Sempre que tenho entrado em palácios que hoje são museus, o que mais me tem atraído a atenção são os relógios.

Em Versailles há relógios, que ainda hoje tocam o mesmo minuete com que acompanharam as horas da vida duma das mais lindas rainhas que tem havido, duma das mais desditosas mulheres de que a história nos fala: Maria Antonieta de Austria, rainha de França.

Nas muitas visitas que tenho feito a Versailles e ao Trianon, são sempre os relógios que me lembram mais vivamente a vida dessa infeliz princesa.

Horas de alegria, terna e dôce junto do berço de seus filhos, horas de embriagador triunfo, quando sendo bela e a mais luxuosa senhora do seu reino, via aos seus pés todo o mundo.

Horas de desengano, horas de dúvida e incerteza quando tudo á sua volta começou a derreír num fragor clamoroso de desgraça, e nas horas de tristeza, de desengano de terror mesmo, o relógio ao dar horas tocava o mesmo minuete, que acompanhára as horas de alegria e triunfo; na sua vida de máquina insensível e obrigada a fazer sempre o mesmo.

Nada me faz evocar mais vivamente essa vida de mulher do que os relógios de Versailles, esses antigos relógios que passado mais dum século, alguns ainda trabalham e alguns ainda tocam o minuete que embalou os sonhos dourados e ambiciosos da loura rainha.

E os relógios que nos acompanham na vida e que tanto estimamos, porque não sei se já repararam que todos estimam imenso o seu relógio, que todos acham sempre que é o que melhor trabalha, e o que mais certo está, são aqueles que se nos têm marcado horas de alegria e de prazer, também êles, nos deram com os seus pequenos ponteiros girando sempre no mostrador horas terríveis e nos indicaram e bem fundo vincaram as horas dolorosas da nossa vida de mortais, e serão êles que marcarão a ultima hora da nossa vida.

E é bem interessante observar o cuidado que os relógios têm sempre merecido aos homens.

O relógio é quasi sempre uma obra de arte. Desde o primeiro relógio que apareceu, complicado trabalho, que deu a maior fama ao seu inventor, máquina um pouco primitiva com ferros e pendulas que oscilavam fazendo um barulho de correntes até ao cronómetro actual, o relógio tem sido tratado com os mais esmerados carinhos e com a ornamentação mais preciosa que se possa fazer-lhes.

Esses grandes relógios de caixa e pendula, que a Inglaterra fabricou, lindos relógios, de que todos os museus da Europa se orgulham de ter e de que há a mais preciosa colecção no Museu Victória and Albert, de Londres, mostram-nas bem o cuidado na fabricação das máquinas, os aperfeiçoamentos introduzidos de ano para ano, que os faziam tão apreciados, daqueles que os possuíam e então só quem possuía uma fortuna era senhor e dono dum relógio. A ornamentação preciosa das altas caixas que os encerram, tornam-nos em verdadeiras obras de arte, em preciosas belezas, que hoje os colecionadores disputam ferozmente nesse delírio de possuir as melhores produções.

Os relógios do fim do século XVIII amaneirados na sua apresentação guarnecidos de esmaltes, de pedras preciosas, os de algebeira, e de figuras mitológicas em bronze ou prata doirada os de mesa, chegaram á afinação de darem horas e quartos entoando músicas suaves, minuets e baladas.

Dar horas é como se lhe chama, o relógio deu horas, e, em vez disso êle tirou-nos horas, aquelas que marcou e que não voltarão mais na marcha da vida.

E de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento o relógio foi-se tornando mais precioso na marcação das horas, mais perfeito e mais barato e tornou-se pouco a pouco vulgar, todos têm relógio, que lhes dá horas sem lhes acrescentar vida.

E da Inglaterra passou para a Suíça a supremacia da construção de relógios, hoje êste país de pacíficos e pacientes cidadãos, bate o «record» da fabricação de relógios. Relógios minúsculos, que têm corda para oito dias e cuja máquina perfeita não permite que se adiantem ou atrasem um minuto nesses dias.

Mas como sempre, a mulher essa apaixonada das coisas belas de tudo o que brilha e guarnece, adoptou o relógio e assim êle se tornou uma das mais graciosas guarnições da mulher.

O relógio de pulso implantou o seu reinado e quasi todas as senhoras o trazem simples em ouro fosco, guarnecido a brilhantes e pedras preciosas, êle é sem dúvida a guarnição dum lindo braço. Mas se tem enorme utilidade na vida apressada de hoje em que todos os minutos são contado, tem também o inconveniente de marcar a hora do primeiro cabelo branco, da descoberta da primeira ruga.

Horas amargas para a mulher que em geral vive no culto do seu físico e da sua beleza, culto que ás que não se cegam por completo, traz grandes desenganos com o apressado marcar das horas, no decorrer da vida.

Mas sem pensar talvez nos inconvenientes que trazem as horas na sua apressada carreira a mulher, multiplica-o nos seus adornos.

Ha anéis com minúsculos relógios, fechos de carteira, que são um relógio, ha na vida da mulher a multiplicação do relógio.

E na verdade podemos dizer que vivemos todos na tirania do relógio. Êle é o verdadeiro se-



nhor da vida moderna. Levantamo-nos porque são horas, êle diz-nos que temos de começar com as nossas ocupações.

Marca-nos as horas das refeições sem desanimar e todos os dias almoçamos, tomamos chá, jantamos á hora que êle nos indica.

Deitamo-nos não muitas vezes porque o sono nos leve a repousar, mas sim porque o relógio nos diz que são horas de o fazer, e assim vivemos nessa tirania das horas.

É aborrecido é incomodativo não ha dúvida, mas o que seria a vida humana na sociedade moderna, nesta vida de sucessão de acontecimentos se as horas não contassem, se elas não fossem acertadas e se cada um comesse e dormisse quando lhe apetece? Seria a anarquia completa na vida a maior confusão, uma atropalhão de todos os momentos, um caos, que arastaria na sua desordem a organização social e a economia dos países.

E poucos a consultar o pequeno ou grande mostrador do relógio, ao ver girar serenamente os ponteiros, marcando hora após hora, sem interrupção e maquinalmente, se lembrarem das horas boas e das horas más que êsse mesmo relógio lhes tem marcado.

Poucos pensam na tirania que o relógio exerce na sua vida obrigando-os a correr para não faltar ao emprego, para não perder a hora no médico, para não faltar ao dentista, para não chegar tarde a casa, para jantar, para ir ao teatro.

Ninguém reponta com êsse pequeno tirano, que nos diz que temos de comer, de nos divertir, de repousar ou de dormir.

Mas também ninguém pensa nos favores que lhe deve. Na conservação do estômago com a regularidade de horas das refeições no equilíbrio de nervos, com o repouso de horas certas, nos negócios que não falham por desencontros e nessas mil pequenas coisas da vida que o relógio regula e orienta com uma certeza matemática.

Sujeitamo-nos pois ao relógio.

MARIA DE EÇA



completas destruições. Cidades arrasadas, milhares de mortos, inúmeras famílias sem abrigo e no fim dizem: o Japão vai declarar a guerra a China.

Foi a guerra no Oriente com todas as suas trágicas ameaças, que nos trouxe o ano que nos deixou. E para desejar que este Novo Ano, que nos sorri com os seus rosados lábios de criança, e, que nos traz como todos os outros a esperança de melhores tempos, acabe com estas guerras que ensanguentam o mundo e tragam uma melhor compreensão aos homens, do que é a «frentalidade», essa palavra tão linda, e, de que os homens abusam para fazer o contrário do que ela indica.

Mas a esperança é o amparo da humanidade neste vale de lágrimas e ainda bem que essa flor ainda desabrocha neste mundo de desganhos.

O que seria a vida humana sem a Esperança? Ela torna-se tão má sem a Fé e tão cruel sem a Caridade, que se a Esperança, a mais resistente das três virtudes irmãs, falta também; a vida humana despenhar-se-á num abismo de negrume.

O que é preciso neste Novo Ano (fazendo renir a Esperança cada vez mais luminosa, é fortalecer a Fé, substituir a Caridade, e, assim esperar para toda a humanidade dias melhores, dias mais felizes ou pelo menos mais tranquilos.

E nós portugueses, só temos a pedir; nestes dias de incerteza e angústia para tantos povos, a continuação da tranquilidade que temos gozado e o aumento de trabalho para todos e fraternidade, para os que precisam de ser auxiliados.

Unamo-nos todos num mesmo desejo de tornando-nos melhores, melhorar também a vida dos que nos rodeiam, de sermos num esforço colectivo todos irmãos, para o bem, auxiliando-nos e tendo como desejo único o engrandecimento da Pátria, embora se faça um sacrifício, mas pelo trabalho e pela ordem.

Assim o Novo Ano que como todos traz nas suas mãos a Esperança de melhores dias seja para toda a humanidade em geral, e, para os que neste abençoado torrão, viram a luz do dia, um ano feliz, um ano em que todos procurando tornar-se melhores, tornem melhor a vida colectiva.

E confessemos que é essa a grande Esperança, que nos faz acolher com satisfação o primeiro dia do ano, esse dia da Fraternidade Universal, e para que ela seja, não uma utopia, mas a realidade que com ele acabem todas as guerras, que a destróem, sem que as coisas melhorem e que a humanidade seja constituída por sinceros e verdadeiros irmãos.

MARIA D'ECA.

### A moda

Em plena estação e numa época de festas, a moda deste inverno deslumbramos com as suas criações e talvez que há muito ela não fosse tão bonita e tão interessante como agora. Nos vestidos de dia nota-se uma simplicidade do melhor gosto.

Há vestidos em tecidos de lã que têm como guarnição botões da mesma fazenda e nada mais.

Em compensação os vestidos de noite fazem-se nos mais ricos tecidos e deixam-nos maravilhadas com a sua sumptuosidade. Os abafos de noite são também luxuosíssimos e podemos assegurar que as peles, essa rica guarnição da «toilette» feminina têm este ano bem marcado o seu lugar na elegância e no bom tom.

Nos chapéus talvez um pouco atrevidos na forma nota-se também uma grande sobriedade de enfeites, no que só têm a ganhar, pois repito, que a simplicidade dá sempre o melhor resultado no traje da mulher.

Não são as mais enfeitadas aquelas que mais se salientam pela sua elegância e «chic».

Os casacos de pele vêm-se muito mais este ano e são verdadeiras belezas, alguns, predominam porém os casacos em «agudencas tudes» preto, explica-se esta predileção porque é uma pele muito boa e duradoura e não é das mais caras, o que é para atender nesta época em que a economia só pode ser recomendada e nunca é excessiva.

A noite vêm-se de novo muitas jóias e é mais uma prova do bom gosto que preside à moda actual.

# PÁGINAS FEMININAS

Houve tempo em que as jóias estavam completamente postas de parte e eram substituídas por guarnições de fantasia. Senhoras que possuíam jóias valiosas e lindas usavam à noite cores de vidro dum gosto mais ou menos daviado, para seguirem uma moda que era lançada por quem não possuía jóias, e é, sempre de aconselhar às senhoras que têm boas jóias que as usem em vez dessas coisas falsas, que por bonitas que sejam devem ser deixadas a quem não possui outras.

Para as nossas leitoras, damos hoje alguns modelos da maior elegância.

Para uso simples debaixo dos casacos e de manhã em casa um lindíssimo vestido em grossa lã formando riscas em branco e preto, dum corte muito simples, o corpo completamente liso e metido num «empicimento», que apanha a cintura e as ancas, num ligeiro fransido.

Em volta do pescoço um grosso rolo em veludo vermelho e uma faixa do mesmo veludo que dá duas voltas em volta da cintura e cae em duas longas pontas na frente do vestido até à borda da saia.

Para a rua um lindo conjunto em fazenda de lã «beije». Vestido completo muito simples fe-



chando junto ao pescoço; com cinto da camurça castanha.

Gola e bandas em lã castanha, sapatos, chapéu e luvas em castanho. O chapéu é em feltro. É uma «toilette» da maior simplicidade e do melhor gosto que certamente vai agradar muito. Estão em moda os chapéus em veludo pespontado. São graciosos e dão um aspecto simples ao veludo. O modelo que hoje apresentamos é em veludo «brigue» e pespontado a «beije». É usado por Ann Rutherford e a graciosa estrela da Metro Galdwyn Mayer.

É muito próprio para as raparigas muito novas, quem fica bem o género desportivo, no trajas. Para a noite, lindíssimo vestido em seda sal-gado de simplicidade de corte, como a riqueza do tecido aconselha é acompanhado dum lindíssimo casaco curto em toupeira.

Duma grande comodidade, pois com o grande frio que faz é impossível estar com os ombros nus sem ter um abafó que nos livre das correntes de ar, é também da maior elegância e beleza.

É para notar a forma tão nova das mangas, que o torna verdadeiramente original e que marcam o seu uso para a noite passando pouco abaixo do cotovelo. É um conjunto de grande elegância e riqueza.

### Uma mulher de negócios

LADY RHONDA uma das senhoras inglesas que se dedicam aos negócios e que são um ornamento da sociedade inglesa, quando os seus uni-



meros negócios lhe dão tempo para isso; é uma inteligência comercial que admira os próprios homens.

A viscondessa de Rhonda dirige nada menos de vinte e oito importantes empresas, foi eleita para a presidência do Instituto de Directores e foi a primeira mulher que assumiu essa posição.

Entrevistada por um jornal ela disse o seguinte: «A minha tendência foi sempre para o negócio. Não quero com isto dizer que a vida de negócios seja a que convém à mulher. É impossível uma generalização nesse sentido. No entanto deixe-me dizer que acho excelente para o mundo comercial, que haja muitas mulheres que trabalhem neste ramo da actividade humana, como agora succede.

Num país como a Inglaterra onde os negócios e o comércio são os factores principais do progresso é natural que se recente toda a energia produtora do país e não somente a metade. A mulher tem na vida comercial campo aberto, para expandir a actividade que aneia por exercer. O que é preciso é que seja essa a sua vocação.

Sir John Coehburu quando recebeu Lady Rhonda na presidência do Instituto de Directores, disse que as mulheres são geralmente de melhor humor e mais adequadas ao negócio, do que os homens.

«Elas não sobem talvez a grandes alturas, na desastrosa imaginação, nem mergulham também tão profundamente no desespero. Com menos fantasia vão mais longe».

Esta opinião do ilustre homem de negócios inglês não é talvez a mais verdadeira porque as mulheres são em geral mais fantasistas do que os homens.

Mas Lady Rhonda dá o exemplo e nos seus negócios nunca a fantasia feminina a prejudicou e um dos seus desejos é ver muitas senhoras admitidas no «Stock Exchange».

És aqui a sugestão do que podem fazer as senhoras no campo dos negócios, e as senhoras que sintam a vontade de se dedicar ao alto comércio, têm um perfeito modelo na figura brilhante de Lady Rhonda.

### A leitura

Não há nada para instruir como a leitura, e a mulher que se não dedica a estudos profundos e a quem uma certa preguiça intelectual inibe de se instruir, tem na leitura a mena um meio de combater essa repugnância ao estudo e uma forma de não fazer má figura na sociedade, onde já se não tolera a mulher ignorante.

Hoje que a maioria das raparigas seguem cursos superiores e têm uma sólida base para a instrução, é preciso que aquelas que não têm curso, tenham pelo menos uma instrução, que as não envergonhe e lhes permita ao menos conversar.

É preciso que a conversa se não limite ao cinema, à dança e às «toilettes». Conversar era em tempos idos um dom que tornava admirados aqueles que o sabiam fazer.

O desporto, a dança, o «Mah-jong» e as telefonias sem fios, têm acabado com a conversa que era um verdadeiro prazer espiritual, mas é preciso reintegrá-la na sociedade e sem uma bem orientada leitura não é fácil conversar. É pois necessário ler, mas ler livros bons que deixem qualquer coisa no espírito.

### Higiene e beleza

Na beleza da mulher, o banho diário, tem uma grande influência. Há senhoras que recebem enfraquecer tomando banho todos os dias e nada há de mais errado.

A água é o melhor tónico para as pessoas fracas, e, nesse caso deve empregar-se fria ou morna. As nervosas devem calmar-se num banho quente que só bem lhes pode fazer. Mas há várias receitas para banhos.

Para ter bom parecer nada melhor do que os banhos resinosos. São tónicos e muito agradáveis. Uma porção de pinheiro (maravalhas) deita-se em 10 litros a ferver e deixa-se ali durante meia hora. Deita no banho este líquido, e já ao almoço se nota a diferença no parecer.

Os banhos de sêcos têm a melhor influência na pele. Pôr num sacco forte uma porção de sebo e metê-lo na água do banho, apertando-o meias e metê-lo na água do banho, apertando-o meias e metê-lo na água do banho, apertando-o meias, o que é para atender nesta época em que a economia só pode ser recomendada e nunca é excessiva.



### De mulher para mulher

Mary: Claro que se usam as peles que são sem dúvida os melhores abafos e que além disso são uma das mais belas guarnições da mulher. Há quem as prefira às jóias. Leia o «Livro de San Michele» de Axel Munth. É um livro adorado em que passa a vida.

Bella: Creio que há professoras de labores que ensinam a fazer esses tapetes, é uma questão de se informar. Conheço, efectivamente algumas senhoras que os têm feito e com óptimo resultado mas não se dedicam ao ensino. Deve deixar apenas uns cartões de visita. Tem razão em querer evitar esse encontro, só poderia ser desagradável.

Darling: Todo o ano há essas passagens de ida e volta com a duração de seis meses, e se não pensa demorar-se muito mais do que isso, vale muito a pena aproveitar. Não deve fazer isso, só pode dar mais resultados, é sempre preferível perdoar e esquecer, creia que a vingança é uma das coisas mais desagradáveis e incómodas que há.

### Receitas de cozinha

Torta de ginja à francesa: — Farinha de trigo 150 grammas, manteiga para a massa 40 grammas, açúcar refinado 40 grammas, gema de ovo 1, água l. b., manteiga para untar fr. b., ginja q. b. e açúcar pilado 50 grammas.

Põe-se sobre a tábua de amassar as 150 grammas de trigo em pilha, faz-se-lhe no meio uma cova, na qual se deitam as 40 grammas de manteiga, o açúcar refinado, a gema de ovo e duas colheres de sopa de água.

Amassa-se tudo muito bem e faz-se com a massa uma bola, que se deixa em repouso uma hora.

Unta-se bem com manteiga um fundo e a ro da torteira põe-se o aro sobre o fundo, estende-se a massa até ficar com três milímetros de espessura, pouco mais ou menos, e forma-se-lhe a caixa interior da caixa formada pelo fundo e o aro, cortando a massa, que exceda a parte superior do aro.

Lavam-se ginja, tiram-se-lhes pés e caroços, para o que há um aparelho próprio, colocam-se na caixa muito bem arrumadas e aconechegadas, e quando ela estiver bem cheia, deitam-se-lhe duas boas colheres de açúcar pilado, espalhada com igualdade ou mesmo ir pondo camada de ginja e camada de açúcar, para ficar bem igual.

Leva-se ao forno durante vinte minutos até que a massa coza, tira-se o aro, deixa-se arrefecer e serve-se.



Grupo de excursionistas estrangeiros em visita aos armazens Leacock, no Funchal

## Os vinhos generosos da Madeira

A encantadora Ilha da Madeira conta como um dos mais importantes valores da sua vida económica os característicos e inconfundíveis vinhos generosos, cuja fama universal, que data de muitos anos, plenamente justifica o seu cognome de Vinho dos Deuses.

Completamente diferente dos seus congéneres do Douro, não só nas castas das uvas utilizadas, como nos processos empregados na sua preparação, tem também numerosos apreciadores espalhados por toda a parte, adentro do País, no Continente e Império Continental, e lá fora nos mais exigentes mercados estrangeiros.

Foi no século XVII que se iniciou a sua exportação, sendo então denominados pelos madeirenses o *vinho da volta*, pois se contava que uma partida que havia seguido num barco destinado a remotas paragens que não alcançara, no seu regresso, bastante tempo depois, constatou-se ter o vinho adquirido neste longo percurso as características fundamentais de um vinho velho.

Hoje adopta-se o processo de o submeter durante algum tempo, em caldeiras apropriadas, preparando-o com aguardente de cana sacarina, em contraste com generosos do Douro, que são preparados a frio e com aguardente de vinho.

Para se avaliar a importância actual da sua exportação bastará consultar as estatísticas oficiais referentes ao período que vai de Janeiro ao fim de Agosto do ano findo que acusam cifras deveras animadoras. O seu valor total atingiu Esc. 7.336.725, cabendo à Suécia 795.479 litros, à França 539.459, à Dinamarca 528.886 e à Noruega 312.981, citando apenas os países de maior importação.

São várias as firmas que se dedicam à exportação do vinho da Madeira, dispoendo muitas delas de modelares instalações de entre as quais se destaca a casa Leacock & C.º, (Wine) L.ª, fundada em 1760 e que veio desenvolvendo-se progressivamente constituindo actualmente um dos mais poderosos organismos industriais e comerciais de toda a Ilha. Dos vários ramos que a sua actividade abrange o que se refere aos vinhos generosos mereceu-lhe sempre cuidados especiais, preparando-os com todo o esmero o que explica a confiança que eles inspiram tanto nos mercados internos, como nos externos, pois trata-os a todos no mesmo pé de igualdade.

Leacock & C.º (Wine) L.ª, que tem os seus escritórios de Lisboa, na Avenida 24 de Julho 102, Telef. 6143, está habilitada a servir aos apreciadores os melhores vinhos da Madeira.

## Os vinhos de Carcavelos

Dos nossos vinhos considerados de categoria há a destacar pelas suas excelentes qualidades, justificando a assinalada preferência dos mercados nacionais e estrangeiros, os licorosos do Sul cuja exportação alcançou nos primeiros oito meses de 1937 a elevada cifra de 10.920\$718 escudos, valor que bastante influi na nossa balança comercial.

Encontra-se na linha de Cascais uma privilegiada região que produz o delicioso vinho de Carcavelos que, mercê das excepcionais condições climatéricas locais e das características das castas de uvas empregadas, conquistou de direito próprio, uma posição de relêvo à frente dos vinhos regionais portugueses. É feito de uvas tintas ou brancas, separadas ou misturadas, mas todas de castas europeias, em uso na região, tais como as Boais, Galego Dourado, Arinto, Trincadeira, Espadeiro e Negra Mole, de uma cor que vai do topázio claro ao rubi negro, com a graduação alcoólica de 18.º a 22.º e estando obrigado a um estágio mínimo de dois anos nos armazens.

Delimitada a respectiva região, federados os lavradores, assim como

# VINHOS DE PORTUGAL

os comerciantes, constituindo ambos a União Vinícola, entidade que assegura, com o seu selo de garantia, a genuidade e pureza, os excelentes vinhos de Carcavelos que tanto podem ser tomados à sobremesa como bebidos em aperitivo, reconquistaram a inteira confiança dos consumidores.

As marcas do vinho de Carcavelos que hoje fornecem os vários mercados internos e externos, cuidando todas elas com grande esmero a sua preparação, são «Alagoa», «Barão», «Bela Vista», «Leão» e «Paulo Jorge».



Uma adega em Carcavelos

## As nossas aguardentes

Se é facto que o nosso clima e situação é particularmente favorável ao cultivo da vinha produzindo as deliciosas uvas que dão os melhores tipos de vinhos, não é menos verdade que destes se podem fazer as mais finas e aromáticas aguardentes, que, quando cuidadosamente tratadas e envelhecidas, podem competir com as mais afamadas aguardentes estrangeiras.

As aguardentes exclusivas de vinho têm uma superioridade manifesta sobre todas as outras, quer as extraídas de outros frutos, quer as extraídas



de cereais como os whiskys, superioridade manifestada não só nas suas qualidades sápidas mas ainda na sua acção sobre o organismo.

Entre nós a primeira casa que se dedicou ao fabrico e envelhecimento das aguardentes foi a casa Macieira que, em 1885, lançou a marca *Real Fine Eau-de-Vie*, ou mais vulgarmente conhecida por *l'ine Macieira*, a qual tem alcançado sempre os primeiros prémios em 14 exposições internacionais e nacionais a que tem concorrido.

Conhecida e preferida do Norte ao Sul do País tem enorme expansão em todas as colónias portuguesas e é a preferida no Brasil.

Está também introduzida em vários mercados europeus, como a Inglaterra e Holanda, marcando como um dos bons produtos de nossa exportação.

**T**ENS dinheiro para ir amanhã aos touros?  
 — Disponho de dez escudos. E tu?  
 — Eu também tenho vinte. E olha que os tirei a meu pai como quem tira um rato da bôca dum gato.  
 — Pois, para apanhar os vinte a minha tia, tive que dar-lhe clorofórmio.

Um indivíduo entra na loja de barbeiro de uma terra pequena.

O mestre começa a ensaboar-lhe a cara, mas o freguez atenta com curiosidade num cão grande e magro, que não tirava os olhos dêle.

— Ó mestre, que tem o seu cão, que está só a olhar para mim?

— Olhe, quer saber? — responde o rapaqueixos — é que como eu, ás vezes, ao fazer a barba a algum freguez, acon-



O juiz — *Vá, conte-me. O que faz? Em que se ocupa?*  
 O preso — *O senhor juiz... eu sempre tive horror às entrevistas...*

tece cortar-lhe um bocadinho de carne, o pobre do cão está sempre á espera do bocado.

Escusado será dizer que o freguez fugiu logo, espavorido.

Exame de química:  
 — O que acontece a um pedaço de ferro ou aço exposto ao ar livre?

- Oxida-se.
- E a um pedaço de ouro nas mesmas condições?
- Esse... desaparece imediatamente.

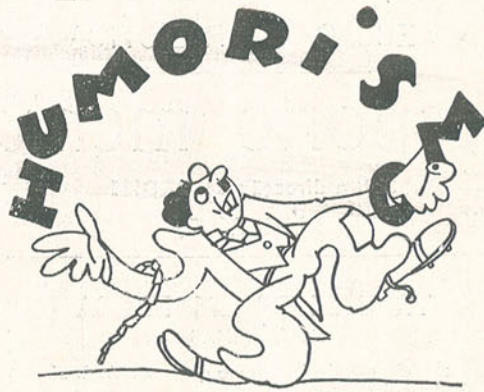
As crianças inconvenientes.  
 Diz o convidado:

— Ha muito tempo que não comia tão bem como hoje.

E logo o filho dos donos da casa:

— Nem eu.

Um sujeito tinha ido passar a noite a casa de um amigo que morava muito distante da sua. De repente começou a chover



copiosamente. Correm as horas, e a chuva cada vez a apertar mais. O hospede esperava que o amigo lhe oferecesse casa para ficar, mas este não se resolvia a fazer tal oferecimento, por saber que êle sofria de moléstia de pele. Nisto o relógio deu duas horas, e o hospede começou a despir-se.

— O que vais fazer? perguntou-lhe o dono da casa.

— Olha, meu amigo: dispo-me, ou para me deitar na cama ou para salvar nadando.

— Nesse caso, salva-te aí nas tábuas do sobrado.

Entre três homens casados.

— Eu, se algum dia chegar a enviuvar, não caso outra vez.

— Nem eu! gato escaldado...

— Pois eu, ainda que ficasse viuvo vinte vezes, não tornaria a casar!

Que faz o senhor — perguntaram a um caloteiro — quando lhe apresentam uma ordem á vista?

— Fecho os olhos.

— És um perverso! Enganas-me.

— Não te engano. Só a ti amo.



Êle — *Queres tomar conta, da criança que eu levo o aquário com o peixinho?*  
 Ela — *Não, que podias deixá-lo cair.*

— Muitas pessoas te têm visto de braço dado com uma mulher loura. Isso não m'ô negarás?

— É extraordinário o que me contas; nego a pés juntos, porque vamos sempre pelos sítios mais solitários.

— Ó Maria, você é uma desmazelada. Olhe a quantidade de pó que ha nesta mesa. Você até podia escrever aqui o seu nome.

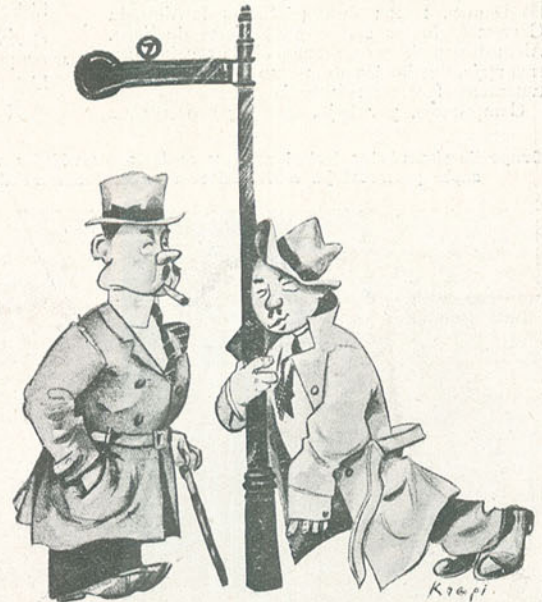
— Ah! isso não podia!

— Pois eu digo-lhe que podia! — exclama a ama muito zangada.

— Não podia, minha senhora, e não podia, porque não sei escrever.

Um prior, em vésperas de procissão, mandou colocar na sacristia o seguinte aviso:

— "Procissão no dia 30. Se chover de



— *Você sabe o caminho que quer seguir?*  
 — *Sei sim. Faça o favor de indicar-me o candelheiro mais próximo.*

manhã, sairá de tarde; se chover á tarde, sairá de manhã.

— Conheces algum processo rápido para envelhecer o vinho do Porto em pouco tempo?

— Conheço, leva-o para casa de minha sogra, que em pouco tempo está com cabelos brancos.

Num tribunal:

Juiz: — Testemunha, qual é o seu estado:

Testemunha: — Sofrível, muito obrigado a V. Ex.<sup>a</sup>.

Num jantar de noivado.

Um convidado: — Brindo ao noivo, desejando vivamente que êste dia se repita muitas vezes...

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Sí-mões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga lingua-gem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorre; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chom-pré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas

CONCURSO CHARADÍSTICO

Com o presente número vamos iniciar o nosso interessante torneio, a que já fizemos referên-cia, e que terá a duração de seis meses. Já temos em nosso poder os seguintes e valiosos prémios a ele destinados:

Dicionário de sinónimos e dic. de Mitologia Greco-Romana de J. S. Bandeira, 1 exemplar de cada, oferta do autor; Dic. de F. Torrinha, 1 exemplar; Idem de A. Coimbra, 1 exemplar; Idem de B. A. Ligorre, 1 exemplar; Idem de Máximas e Adágios do Cap. Rebelo Hespanha, 2 exemp.; Adágios de A. Delicado, 3 exemp.; todos estes dicionários nos foram oferecidos pelas respectivas casas editoras. Sonetos de Júlio Dantas, 1 ex.; obras póstumas de Almeida Garrett (volumes 29.º e 30.º) oferta de Fero. Além destas obras esperamos ainda receber ou-tras mais, destinadas ao mesmo fim, e que oport-unamente faremos referência.

Cumpre-nos, por hoje, endereçar os nossos

Grupo de charadistas tertulianos que se deslocou a Mafra, no ano tran-sacto, para festejar o 15.º aniversário da Tertúlia Edípica



Da esquerda para a direita, 1.º plano: D. Simpático, Ordish, Rei Viola, Ricardo e Euristo. 2.º plano: Xi-gato, Luma-o, Arierepamil, Razalas, Jofralo e Etel. 3.º plano: Anjo da Selva, Biscaro, Godamil, Zé da Ponte, Mongol Júnior, Alejoal e Viriato Simões

calorosos e sinceros agradecimentos a todas as entidades ofertantes e destacar, especialmente, a valiosa dádiva do dicionário de sinónimos do Ex.º Coronel, José da Silva Bandeira, que se encontra quasi esgotado na sua 2.ª edição e que, como é sabido de muitos dos nossos confrades, representa um trabalho de grande envergadura da parte do seu autor que nele dispensou a sua inteligência e carinho de modo a entregar aos charadistas e estudiosos um precioso repositó-rio de vocábulos da nossa língua.

Fica sem efeito o torneio de que tínhamos falado sobre o dicionário de Adágios de Rebelo Hespanha que assim fica englobado no que es-tamos tratando.

DICIONÁRIOS

Chamamos a atenção para o quadro de dicio-nários adoptados, de futuro, nesta Secção.

LISTAS DE DECIFRAÇÕES

O prazo para a recepção dos resultados das decifrações é de 2 meses, a partir da data de publicação dos trabalhos a que se referem.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 5

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

1) Pela aparência nota-se que a sentinela não é pessoa fraca. 1-2.

Lisboa

Ramon Lágrimas

2) Embora simples, na aparência, produz, às vezes, uma acção implacável êsse fermento. 2-2.

Lisboa

José F. Courelas

3) Nos arredores da cidade a vida passa lenta e sem tristeza, num ritmo jámais alterado. 2-2-1.

Lisboa

Infante

4) A mulher moderna habita com tristeza a sua casa. 2-1.

Lisboa

Mirna

5) Acerca de vires mais tarde, dou-te por con-selho que tomes precaução. 2-3.

Lisboa

Sevla

6) Na extremidade de uma existência aesen-ganada se encontra, por vezes, um espírito de fei-ção distinta. 2 2-1-2.

Lisboa Barão Y

7) Fazer vida higiê-nica de corpo e de alma é viver com saúde. 3-2.

Lisboa Jofralo

(T. E.)

8) O cêsto que me deste não valeu a funda que levei!... 2-1.

Luanda Mrs.

Le Bossat

9) O Charadismo ins-trui, mas é pena que em seu favor tão pouco se tenha feito. 2 1.

Lisboa Mirones

(L. A. C.)

10) Diloso o homem que amar uma formosa «mulher». 2-2.

Luanda Dr. Sicascar

(L. A. C.)

(Extra concurso)

11) A vossa oferta move-me, sem compaixão, a dizer-lhe: muito obri-gado! 3-1.

Verificável no Dic. de Ligorre

SINCOPADAS

Ao Sr. Director, cumprimentando-o

12) O seu filho já escreve com um ano de idade? 3-2.

Benfica

R. Maia (L. A. C.)

13) A meiguice é o apanágio da gente desta povoação. 3-2.

Luanda

Zé da Eira

14) Comprei um ramo grande de violetas de uma beleza extraordinária! 3-2.

Lisboa

Rei Mora

15) A tortura modifica uma pessoa esperta. 3-2.

Lisboa

Semoga

TRABALHOS EM VERSO

NOVÍSSIMAS

(As minhas apaixonadas, para que se desiludam...)

16) Meu peito não acredita  
Nessa cantiga do amor,  
Que classifica de «fla», — 2.  
De fantasma atemorador...

Do amor só a pomada  
Tem vantagens verdadeiras...  
Não presta para mais nada, — 1.  
Limpa metais e torneiras!

Sem amor a vida corre  
Na melhor das harmonias...  
Se ele nasce logo morre  
O prazer dos nossos dias!

Para que apressar a vida  
Com «tal coisa» que nos mata,  
Quando há tanta fementida  
É tanta mulher ingrata?

Entregar o coração  
A malvadas odaliscas?  
Antes a consolação  
De comê-lo feito em iscas...

Lisboa

Visconde X

SINCOPADAS

A «Arierepamil» a propósito de exageros condenados num artigo de sua autoria, publicado há anos no «O Charadista»

«... E chegamos assim a esta desgraça algo cómica de sermos todos Excelências, ou eminentes, ou ilus-tres ou egregios».

Dr. Agostinho de Campos  
Do Comércio do Porto

17) «Mestre» Gil, um poeta «manhoso»,  
Charadista de «três ao vintém»,  
Fica inchado se o dizem famoso,  
E não «liga» «nenhuma» a ninguém.

Julga ser sumidade; é vaidoso;  
Exagera o «geitinho» que tem.  
Fica «fulo», «trombudo», raivoso,  
Se o não tratam de ilustre... p'ra além.

Em trabalhos que alguém lhe dedique.  
Ganha osga a qualquer que o critique  
Ou lhe negue a «sabença», o valor.

Elogios! Quer ser insensado!  
E o que a um «Az» deixaria vexado  
Para o Gil nem, sequer, é favor!... — 3-2

Lisboa

Braz Cadunha

Toda correspondência respeitante a esta sec-ção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º -- Lisboa.

18) ENIGMA FIGURADO



## Festas de caridade

## CHÁ MAH-JONG

A favor da Obra de Auxílio a Doentes Pobres, realizou-se nos salões do Avenida Palace, gentilmente cedidos pela direcção, uma festa de caridade, na tarde de 11 de Dezembro último, que constou de «Chá Mah-Jong», havendo também mesas de «Bridge» e de «Bluff», organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte as seguintes: D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Berta Ortigão Ramos, Condessa da Ponte, Condessa de S. Mamede, D. Dalida Correia Leite Tavares de Carvalho, D. Eliza Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Manuela Bandeira de Melo, D. Maria Cândida Sotto Maior Correia de Oliveira, D. Maria Carlota Sommer Viana Soares Franco, D. Maria da Conceição Machado Pizarro de Sampaio e Melo, D. Maria Emilia Cassiano Neves de Bivar, D. Maria Emilia de Oliveira Neves, D. Maria Eugénia Correia de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Izabel de Mascarenhas Gentil, D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Maria Luiza Monteiro de Mendonça, D. Maria de Magalhães de Mezia Bettencourt, Marquesa de Pombal, D. Merita Abdarrahm Abecassis, D. Sofia Baerlein de Castel Branco, D. Vera Pinto Basto Ribeiro da Cunha, Viscondessa de Almeida Garrett, e Viscondessa da Merceana, tendo decorrido com extraordinária e selecta concorrência.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

## SNACK-BAR

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Amélia de Carvalho Maia, D. Amélia de Vasconcelos de Tavora do Canto e Castro, Condessa de Castelo Mendo (D. Rita), Condessa da Penha Garcia, Condessa de S. Mamede, D. Constança Castelbranco Pinto Basto, D. Daise Cohen de Bettencourt, D. Julieta Holtreman Roquete Ricciardi, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria de Oliveira Reis, Marquesa de Tancos, Viscondessa do Ameal, e Viscondessa do Botelho, effectuou-se na noite de 11 de Dezembro último, uma interessante festa de caridade, cujo produto se destina a favor do fundo de assistência social do 5.º Batalhão da Legião Portuguesa, festa que constou de «Snack-Bar», que foi abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band» que se fez ouvir em um esplêndido programa de músicas modernas, tendo-se prolongado a dança até de madrugada, sempre num crescente de animação e entusiasmo, chegando por vezes a atingir o delírio.

Na assistência que concorreu a esta linda festa de caridade, notava-se tudo que melhor conta a nossa primeira sociedade e corpo diplomático.

## Casamentos

Na paróquia de S. Mamede, presidido pelo prior da freguezia do Santo Condestável, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Manuela Santiago Salgado, gentil filha do distinto engenheiro e nosso querido amigo sr. Joaquim José Salgado, com o sr. Mário Baptista Coelho, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Leopoldina Pereira Rodrigues Coelho e do coronel sr. Alfredo Baptista Coelho, ilustre director da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, tendo servido de madrinhas a madrastra da noiva sr.<sup>a</sup> D. Izilda de Vasconcelos Salgado e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência da madrastra e do pai da noiva, à rua Rodrigo da Fonseca, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o Norte do país onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia de S. Mamede, celebrou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Manuela Melício Teixeira, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Melício Teixeira e do sr. Jacinto Carlos Teixeira, funcionário aposentado das Alfândegas, com o sr. António Ma-

# VIDA ELEGANTE

nuel Moutinho Ferraz, filho da sr.<sup>a</sup> D. Lina Moutinho Ferraz, já falecida, e do sr. Luís de Freitas Ferraz, funcionário superior aposentado da Caixa Geral dos Depósitos, tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Adelaide Coelho da Silva e D. Beatriz Vieira Pedro e de padrinhos o sr. Gabriel Alvito Borla e o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Mariana Campos Pimenta, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Genoveva Campos Pimenta e do sr. António Campos Pimenta, com o sr. Raul Vilanova de Barros Virgolino, filho da sr.<sup>a</sup> D. Januária Vilanova de Barros Virgolino e do sr. Joaquim Barros Virgolino, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para Coimbra, onde foram passar a lua de mel, seguindo depois para Angola, onde vão fixar residência.

— Foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Freitas, para seu filho José Alfredo, funcionário do Ministério do Interior, a sr.<sup>a</sup> D. Mariana Fernandes Lebre, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Justina da Nazaré Fernandes da Costa Lebre, viuva do sr. António da Costa Lebre e irmã do sr. dr. José Lebre, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo ano.

— Em capela armada na elegante residência da sr.<sup>a</sup> D. Eduarda Damasceno Esteves e do sr. António Esteves, celebrou-se o casamento de sua gentil sobrinha sr.<sup>a</sup> D. Maria Eduarda Damasceno Ferreira, filha da sr.<sup>a</sup> D. Alba Damasceno Ferreira e do sr. Francisco Ribeiro Ferreira, já falecidos, com o distinto engenheiro sr. Mário Ferreira Braga, assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Damasceno Braga, já falecida e do sr. Carlos da Costa Ferreira Braga, servindo de padrinhos por parte da noiva seus tios e por parte do noivo sua prima a sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia da Costa Braga e seu pai.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Pelo reverendo sr. dr. Clemente Pereira da Silva, Provincial da Congregação do Espírito Santo, foi pedida em casamento para o distinto advogado sr. dr. José da Costa Lopes de Mendonça, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Celina Coelho Fragoso da Silva David, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Apolónia Coelho Fragoso da Silva David e do sr. Fernando da Silva David, devendo a cerimónia realizar-se no princípio do próximo ano.

— Celebrou-se na capela particular dos senhores condes da Foz, em Algés, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Lídia de Jesus Antunes Alves, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Albertina Antunes Alves e do sr. António Alves, com o sr. dr. Eduardo Cabral Bastos Martins, actuário da Companhia de Seguros «Fidelidade», filho da sr.<sup>a</sup> D. Noémia Cabral Martins e do sr. José Bastos Martins, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o sr. dr. Rasmado Rodrigues e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o Algarve, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia das Mercês, celebrou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Eugénia Soares, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria dos Anjos Soares e do sr. Manuel Gaspar de Matos, já falecido, com o sr. Manuel Antunes das Neves, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria dos Prazeres das Neves e do sr. Jaime Antunes das Neves, tendo servido de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Eugénia Marques e D. Palmira Vilar Pereira e de padrinhos os srs. Horácio Marques e Honorato Pereira Gonzalez.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Celebrou-se na paróquia dos Santos Reis, ao Campo 28 de Maio, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ilda de Arriaga Guimarães, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Ester de Arriaga Guimarães e do sr. Alberto Dias Guimarães, já falecido, com o sr. D. Júlio Alves Garcez de Lencastre, filho da sr.<sup>a</sup> D. Laura Alves de Lencastre e do sr. D. Rodrigo, Garcez de Lencastre, já falecido, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo sr.<sup>a</sup> D. Maria Tereza de Lencastre e de padrinhos os srs. Alberto Dias Guimarães Junior, e D. Manuel Garcez de Lencastre, respectivamente irmãos dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte onde foram passar a lua de mel.

D. Nuno



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Angélica Pinto Fonseca com o sr. Lúcio Pereira, servindo de padrinhos (por parte da noiva) o sr. José Carlos da Silva, por procuração do sr. José da Cruz Coelho e D. Angélica Pinto Coelho, e (por parte do noivo) o sr. tenente-coronel Francisco Pina Lopes e D. Maria da Graça Pina Lopes

# PIM DE PESTA

## Bridge

(Problema)

Espadas — V. 5  
Copas — — — —  
Ouros — A. 6  
Paus — D. 9, 4

Espadas — 9            **N**            Espadas — D. 7, 6  
Copas — — — —            **O**            Copas — — — —  
Ouros — D. 10, 9            **E**            Ouros — V. 7  
Paus — A. 10, 5            **S**            Paus — V. 7

Espadas — R. 8, 4  
Copas — 9  
Ouros — 8  
Paus — R. 8

Trunfo copas. S joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga R. e. e N balda-se a A. p.  
S joga A. e. Se O se balda a paus ou copas, N balda-se a R. p. e E — V. e.  
Se O se baldou a paus, S joga D. p. e 9 p., baldando-se N a 5 c. e 4 o.  
S joga 4 p. Se O se balda a copas, N balda-se a 4 o. Se O se balda a ouros, N balda-se a V. c. e N e S fazem as restantes vasas.  
Se quando S joga A. e., O se balda a copas, S joga D. p., O — 3 p., N — 4 o. e E não podendo baldar-se a copas nem a espadas, balda-se a 3 o.  
S joga 9 p., O — 5 p., N — 5 c. e E joga copas ou ouros.  
S joga V. o. e faz tôdas as vasas.  
Se quando S joga A. e., O se balda a ouros, N joga 5 c.  
S joga 2 o., N entra do R. o. e joga A. o., R. p., A. c., e 4 o. S entra do V. o. e faz D. p. e 9 p.

## Os triângulos

(Passatempo)

Com seis fósforos, formar quatro triângulos rectângulos e iguais entre si.

## Caprichos artísticos

No século XVIII houve um escultor francês, extremamente notável chamado Roubilliac, que passou a maior parte da sua vida na Inglaterra, onde deixou obras da máxima beleza e da maior perfeição artística. Foi autor dos bustos que se admiram no colégio da Trindade, em Dublin; do monumento ao duque de Arjyle, na abadia de Westminster; da estátua de Haendel nos jardins de Vauxhall; dos monumentos do duque e da duquesa de Montagne, no condado de Northampton; da estátua de Jorge I, na câmara senatorial de Cambridge, etc., etc.

Foi-lhe encomendado para o colégio dos mé-

dicos, em Londres, o busto do doutor Mead, do qual ajustou previamente o preço, fixando-o em cinquenta libras esterlinas. Executada a obra, foi tão admirada a perfeição dela, que resolveram pagar-lha pelo dôbro do ajuste, isto é, por cem libras. Mas o escultor, que nada mais pediria, espontaneamente, do que o preço combinado, perante a inesperada oferta, disse não a achava suficiente, e que avaliava o seu trabalho em 108 libras e 2 shillings!

Riram-se do seu capricho, sobretudo dos dois shillings e imediatamente lhe satisfizeram o preço reclamado, pagando-lhe porém toda a soma em shillings velhos, de mais valor que os correntes e enviaram a anedota a Hogarth, que a publicou e fez conhecida nos seus Caprichos dos Artistas.

## As esponjas falantes, percursoras do fonógrafo

Pelo que se vai vêr, a primeira idéa do fonógrafo é bem mais antiga do que se supõe. Os franceses atribuem-na a Cyrano de Bergerac

## Quantas aves?

(Passatempo)



Neste desenho, bastante intrincado, estão disfarçadas umas poucas de aves. Quantas e quais serão elas?

mas já num pequeno jornal, intitulado «Courrier véritable», de Abril de 1632, vinha esta notícia fantasista.

«O capitão Vosterloch regressou da sua viagem pelas terras austrais, viagem que empreendera por ordem dos Estados (da Holanda), há dois anos e meio. Conta-nos, entre outras cousas, que tendo passado por um estreito abaixo do de Magalhães, desembarcou num país onde a natureza creou para os homens certas esponjas que absorvem e conservam o som e a voz articulada como as nossas absorvem os líquidos. De modo quando elles querem comunicar uns com os outros ou conferenciar de longe, basta falarem junto a qualquer dessas esponjas e mandarem-nas depois aos seus amigos, os quais, ao recebê-las e apertando-as devagarinho, extraem delas tudo quanto contém em palavras e ficam por esta forma admirável, cientes do que os seus amigos lhe queriam comunicar».

## Quadrado mágico

(Solução)

3	34	6	26	31	11
30	7	32	10	5	27
20	17	18	1	19	36
15	22	16	13	21	24
35	2	14	28	23	9
8	29	25	33	12	4

## Psicologia

Os creadores de pombos correios descobriram recentemente um meio — infalível — de melhorar os «records» dos seus pensionistas. Dias antes de ser deitado a voar, separam o «câmpio» da pomba sua companheira.

E poucas horas antes da partida trazem-no

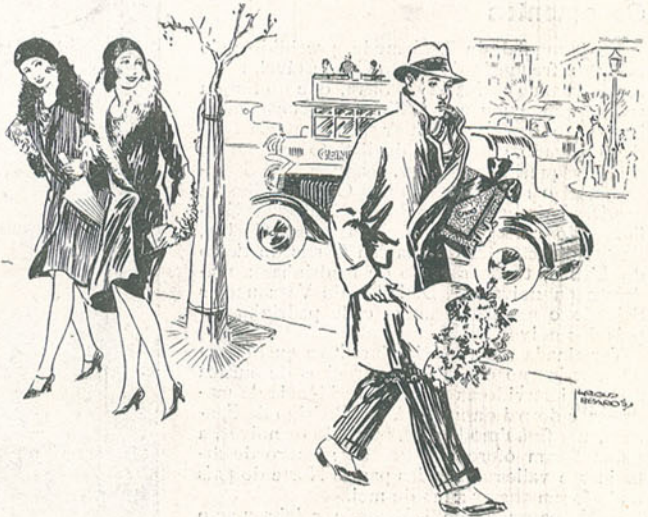
outra vez ao ninho, onde instalam outro macho, junto da pomba. O pombo atira-se ao rival. Separam-os e levam o campeão para a porta da partida. A ave, estimulada pelo desejo de vingança desempenha-se da sua missão, num vôo rápido para voltar mais depressa. Mas, ao regressar, verifica que o rival desapareceu.

Pelo que se vê, não é experiência que se possa repetir muita vez.

Em Rochester, na América, umas duzen-

tas pessoas ofereceram um banquete a certa cadela que salvou a vida a uma família inteira.

A homenageada foi servida no lugar de honra. Fizeram-se discursos enaltecendo o seu heroísmo e foi-lhe oferecido um colar de prata maciça.



Berta: — Parece-te que ele seja casado há pouco tempo?

Ilda: — Sim, aquilo ou é noivo ainda, ou então fez partida à mulher!

(Do Pearson's).

# Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936

**Esc. 19.048.594\$54**

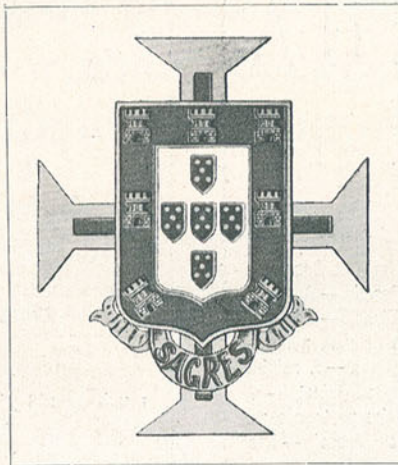
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

## SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936

**Esc. 13.915.096\$56**

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

## SAGRES

### Companhia de Seguros SAGRES

**RUA DO OURO, 191** — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

## Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

**PARQUE DO ESTORIL**  
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes, Banhos CARBO-GAZOSOS, Duches, Irrigações, Pulverizações e Inalações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens. = = = = =

**MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS**  
**CULTURA FÍSICA**  
**AQUECIMENTO CENTRAL**

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

*Um grande sucesso de livraria*

**ACABA DE APARECER**  
**A NONA EDIÇÃO, REVISTA**  
**11.º MILHAR**

# FÁTIMA

GRAÇAS \* SEGREDOS \* MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado,  
com capa a côres e oiro ..... **12\$00**  
Pelo correio à cobrança ..... **13\$50**

*Pedidos aos editores:*

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

# VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

À VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mosen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português em Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puento de Bârzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata. . . . . 12\$00  
Pelo correio à cobrança. . . . 14\$00

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**À VENDA**

## A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris  
O infarto do miocardio  
O sindroma de Adams-Stokes**

PELO

**DR. EDUARDO COELHO**

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00  
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrição de virtudes conjugais.

**Volumes publicados:**

**M. MARYAN**

Caminhos da vida  
Em volta dum testamento  
Pequena rainha  
Divida de honra  
Casa de familia  
Entre espinhos e flores  
A estátua velada  
O grito da consciência  
Romance duma herdeira  
Pedras vivas  
A pupila do coronel  
O segredo de um berço  
A vila das pombas  
O calvário de uma mulher  
O anjo do lar  
A fôrça do Destino  
Batalhas do Amor  
Uma mulher ideal  
Ilusão perdida

**SELMA LAGERLÖF**

Os sete pecados mortais e outras histórias  
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

## BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

1 volume encader. com  
351 páginas. 25\$00

≡

DEPOSITÁRIA:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bébé

A arte de cuidar  
do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Ben-  
nollet e Dr. Edmundo Adler,  
com um prefácio do Dr. L. Cas-  
tro Freire e com a colaboração  
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.  
O cliente paga a 1.<sup>a</sup> prestação e pode levar para casa  
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio  
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por  
uma deminuta importância



# HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS  
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17<sup>cm.</sup> × 26<sup>cm.</sup>, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

**COMO É O SORTEIO?** Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.<sup>o</sup> prêmio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.<sup>a</sup> prestação,  
pode levar a obra completa para sua casa.

Peçam informações mais detalhadas à

**LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística  
dos últimos tempos em Portugal

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

**Albino Forjaz de Sampaio**  
da Academia das Ciências de Lisboa

## ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.**

**Cada fascículo de 32 páginas,  
profusamente ilustradas,**

**Esc. 10\$00**

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett—LISBOA

# OBRAS DE JULIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	8\$00
br. ....	15\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ....	12\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO BLAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. ....	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ....	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ....	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

## Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA  
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

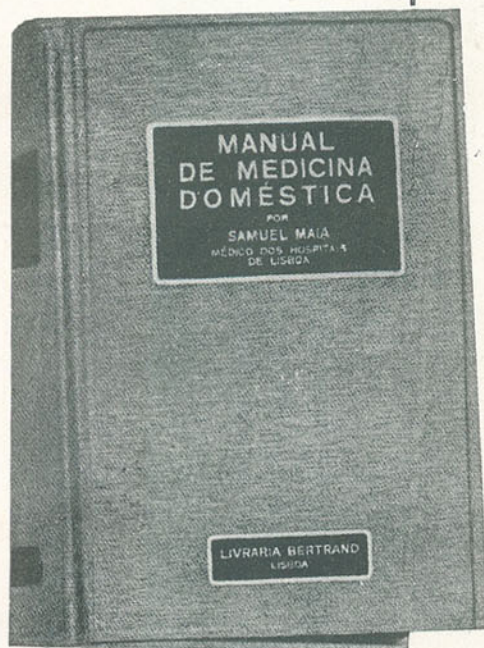
**INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE**

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

*Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.*

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

## Manual de Medicina Doméstica

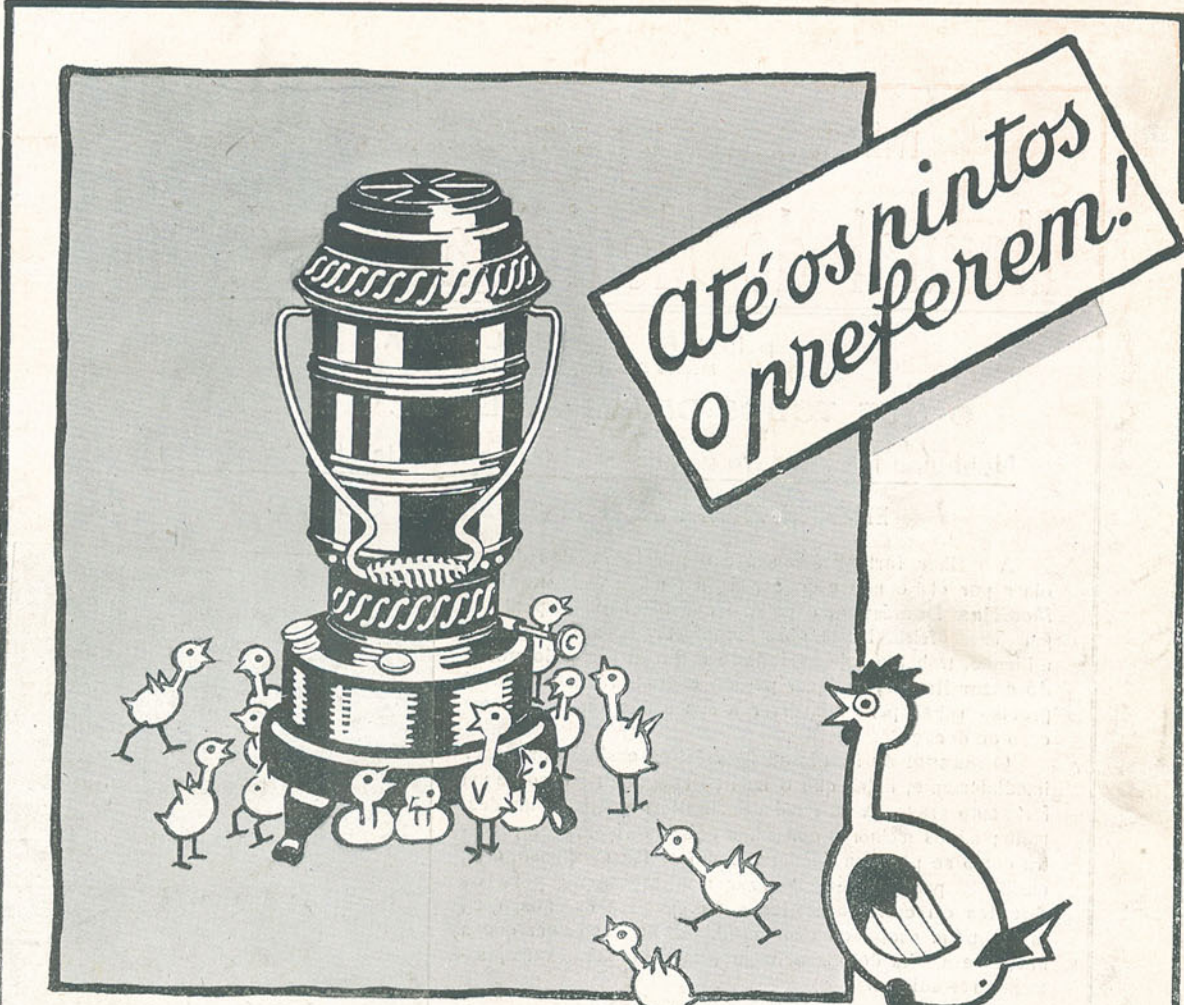
E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente**, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

*Regra de bem viver para conseguir a longa vida*

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



Até os pintos  
o preferem!

# GALORIFERO VACUUM 99



Os Caloriferos "VACUUM 99", asseguram a máxima economia, em virtude do seu grande rendimento térmico. São providos de sistema de gasificação regulavel, e ferverem 1 litro de água em 6 minutos.